

Biblioteca Vida e Missão – Metodismo



**As Marcas
Básicas da Identidade
Metodista**

Colégio Episcopal • Experiência

Colégio Episcopal

**As marcas
básicas da
identidade
metodista**



Editora Cedro

As Marcas Básicas da Identidade Metodista

Colégio Episcopal da Igreja Metodista

Biblioteca Vida e Missão, Metodismo, nº1

1ª edição – junho de 1993 – 3.000 exemplares

2ª edição – 1995 – 2.000 exemplares

3ª edição – julho de 2005 – 3.000 exemplares

Colégio Episcopal

Bispo João Alves de Oliveira Filho – Presidente

Bispo João Carlos Lopes – Vice-Presidente

Bispo Josué Adam Lazier – Secretário

Bispo Adolfo Evaristo de Souza

Bispo Adriel de Souza Maia

Bispo Luiz Vergílio Batista da Rosa

Bispa Marisa de Freitas Ferreira Coutinho

Bispo Paulo Tarso de Oliveira Lockmann

Secretário Executivo do Colégio Episcopal

Rev. Stanley da Silva Moraes

Assessoria de Comunicação

Profa. Keila Guimarães

Márcio Araújo Oliveira

Sede Nacional da Igreja Metodista

Avenida Piassanguaba, 3031

Planalto Paulista – 04060-004 – São Paulo – SP

Fone: (11) 5585-0032 – Fax: (11) 5594-3328

www.metodista.org.br – sede.nacional@metodista.org.br

Produzida pela



Editora Cedro

www.editoracedro.com.br

Coordenadores Editoriais

Adipe Miguel Júnior

Sylvia Regina de Mattos Miguel

Assistente Editorial

Hideíde Brito Torres

Revisão

Hideíde Brito Torres

Capa e Editoração

Tathiana Alves Inocêncio

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	05
APRESENTAÇÃO DA 3ª EDIÇÃO.....	06
APRESENTAÇÃO.....	07
ESTUDO BÍBLICO 1 - BÍBLIA E TRADIÇÃO.....	09
AS MARCAS ESSENCIAIS DO POVO METODISTA.....	15
ESTUDO BÍBLICO 2 - BÍBLIA E EXPERIÊNCIA.....	33
AS MARCAS METODISTAS À LUZ DA REALIDADE DE HOJE.....	39
ESTUDO BÍBLICO 3 - BÍBLIA E RAZÃO.....	49
AS MARCAS METODISTAS E A AÇÃO MISSIONÁRIA DA IGREJA.....	55
ESTUDO BÍBLICO 4 - BÍBLIA E CRIAÇÃO.....	65
AS MARCAS METODISTAS E A AÇÃO PASTORAL.....	69

INTRODUÇÃO

As Marcas Básicas da Identidade Metodista

Desenvolvimento do Tema

1. As Marcas Essenciais do Povo Metodista
2. As Marcas Metodistas à Luz da Realidade de Hoje
3. As Marcas Metodistas e a Ação Missionária da Igreja
4. As Marcas Metodistas e a Ação Pastoral

Objetivo Geral

Motivar a busca das marcas básicas da espiritualidade metodista, à luz da realidade de hoje, para alcançar maior desenvolvimento da ação pastoral e missionária da Igreja, em termos de unidade, testemunho e serviço.

Objetivos Específicos

1. Identificar os elementos básicos das marcas metodistas.
2. Examinar as marcas metodistas à luz da realidade de hoje.
3. Confrontar as marcas metodistas com a prática pastoral da Igreja e sua ação missionária.
4. Configurar a prática pastoral da Igreja hoje, a partir dessas marcas.
5. Dar instrumentos ao ministério pastoral para desenvolver a ação pastoral a partir das marcas metodistas.
6. Fortalecer a Igreja local, a partir de sua ação missionária.
7. Incentivar a Igreja a vivenciar as marcas metodistas, buscando a conexão.

APRESENTAÇÃO

DA 3ª EDIÇÃO

O Colégio Episcopal apresenta a 3ª edição de “As marcas básicas da identidade metodista”.

Esta edição tem o mesmo conteúdo da 1ª edição publicada em 1993, mas tem um novo trabalho editorial.

Esta carta precisa chegar às mãos de pastores e pastoras, leigos e leigas metodistas, como fundamento doutrinário essencial para a vida e missão da igreja, comunidade missionária a serviço do povo.

Acreditamos que esta pastoral é um recurso precioso para irmãos e irmãs das mais diferentes tradições cristãs.

Que o Senhor possa iluminar a mente e o coração de cada leitor.

Bispo João Alves de Oliveira Filho
Presidente do Colégio Episcopal
Julho de 2005.

APRESENTAÇÃO

O Colégio Episcopal encaminhou diretamente a todos os pastores e pastoras a Revista Caminhando, número 6, sob o tema “Teologia em Perspectiva Wesleyana”: os artigos são resultado de muita reflexão e de muita oração, demonstrando a importância e o cuidado que a temática recomenda.

Esses textos oferecem material bíblico, teológico e pastoral sobre as marcas metodistas que queremos redescobrir e aprofundar, à luz da nossa atual caminhada como Igreja, Comunidade Missionária a Serviço do Povo. Os estudos bíblicos sublinham o famoso “quadrilátero wesleyano” que, como sabemos, é composto de cinco elementos: experiência, tradição, razão e criação, tendo como centro a Bíblia. Assim, os textos para os estudos bíblicos serão Bíblia e Tradição, Bíblia e Experiência, Bíblia e Razão e Bíblia e Criação. A ordem de apresentação será esta, sem que se obedeça necessariamente a uma ordenação acadêmica: nossa motivação inicial é considerar a *tradição*, porque ela é motivadora para toda a nossa temática e um ponto de partida significativo para qualquer estudo bíblico. A cada estudo bíblico, segue-se um texto reflexivo sobre as marcas metodistas, ressaltando quais são elas e como devem estar presentes na ação missionária da Igreja e na ação pastoral, à luz da realidade de hoje.

Propomos, neste primeiro momento, refletir com os pastores e pastoras, mas certos de que estes estudos e reflexões chegarão até as igrejas locais, os ministérios e os Concílios Regionais.

Cremos ser este um rico processo para fortalecer a unidade e a conexionalidade missionária da Igreja Metodista. É com alegria e gratidão que oferecemos a Deus o fruto de nosso trabalho e o compartilhamos com os irmãos e irmãs, companheiros e companheiras no santo ministério e com todo o povo metodista.

São Paulo, inverno de 1993.

Colégio Episcopal da Igreja Metodista

Bispo Adriel de Souza Maia, presidente

Bispo Paulo Tarso de Oliveira Lockmann, vice-presidente

Bispo Geoval Jacinto da Silva, secretário

Bispo João Alves de Oliveira Filho

Bispo Paulo Ayres Mattos

Bispo Richard dos Santos Canfield

Bispo Rosalino Domingos

Bispo Stanley Moraes

Bispo Nelson Luiz de Campos Leite, secretário para assuntos pastorais

Estudo Bíblico 1

BÍBLIA E TRADIÇÃO

Introdução: Por que tradição?

Por que é importante o estudo da tradição na vida da Igreja? Seria a tradição algo ultrapassado, letra morta, como dizem alguns? Aceitar isso seria abandonar a Bíblia e guiarnos pela opinião de pessoas que, por terem maior capacidade de argumentação, conseguem nos atrair e envolver em suas doutrinas e práticas.

A igreja que não reflete sobre a tradição e não a considera é uma igreja sem história e sem Bíblia; é como uma casa construída sobre areia. Ao primeiro vento de nova doutrina ou novo modismo, instaura-se na igreja uma polêmica ou partidarismos, e ela vem abaixo, levando grande parte da comunidade por caminhos diversos.

Devemos diferenciar *tradição* e *tradicionalismo*. A tradição bíblica refere-se aos atos salvíficos de Deus conforme entendidos e registrados por seu povo, formando parâmetros para conhecer a Deus e entender Seus propósitos para a vida humana. O tradicionalismo, por sua vez, fecha-se em um desses atos de Deus, ou mesmo em um momento da história da igreja, e o extrai do todo, tornando-o parâmetro único para entender Deus e Seus propósitos. Por exemplo, a interpretação e o uso que o farisaísmo fez do sábado é uma forma de tradicionalismo. O tradicionalismo também é reducionismo histórico: a história pára em torno daquele conceito ou momento que se quer cristalizar. O tradicionalismo está presen-

te em muitas heresias e divisões que a igreja sofreu. O princípio presente no tradicionalismo foge ao equilíbrio wesleyano por ser sectário e, por isso, antiecumênico.

Concluindo a distinção, pode-se dizer que toda conceituação sobre *tradição* na Bíblia ainda é pobre, pela natural riqueza de tradições que nela encontramos. É bom dizer também que a preocupação com a tradição no Metodismo não deve ser confundida com o tradicionalismo, uma vez que essa preocupação não seja uma forma de um reducionismo ou de defesa dele, resumindo a revelação de Deus a um determinado conceito ou momento histórico da Igreja.

Consideramos a importância da tradição à luz de uma situação missionária: a crise na igreja de Corinto. O tema gerador da crise era: Há ressurreição? Jesus ressuscitou ou não?

A Igreja de Corinto: uma situação de conflito (1Co 15)

A cidade de Corinto, reconstruída em 44 a.C. pelo Imperador Júlio César, era a capital da província de Acaia e sede municipal da administração romana. Em função de seus dois portos, abertos a dois mares, Corinto era um importante centro de comunicação entre o Leste e o Oeste, e vital na área econômica. Os contrastes sociais eram marcantes: dois terços da população eram compostos de escravos. A cidade era extremamente cosmopolita e de costumes morais bastante baixos, ao ponto de criarem o verbo "Korinthiazesthai" ou "corintizar", que significava viver em prostituição. Havia uma infinidade de religiões e correntes de pensamentos, sendo a principal religião o culto a Afrodite.

Guardadas as circunstâncias históricas tão distantes, há importantes semelhanças entre o contexto de Corinto e o de nossas cidades ou áreas urbanas no Brasil. São elas: o desconhecimento da religião bíblica, a miséria social e moral, a infinidade de correntes religiosas, a religião a serviço do *status*

quo (a manutenção da condição atual), o sincretismo e o fanatismo religiosos, etc.

Além do ministério de Paulo entre os coríntios, Apolo exerceu forte influência na Igreja. Tinha bom conhecimento do Antigo Testamento e pôde, depois de orientado por Áquila e Priscila, ser útil à Igreja (At 18.24-28, At 19.1, 1Co 16.12). Pedro também exerceu influência em Corinto, inclusive visitando a cidade; chegamos a essa conclusão por causa da existência, ali, de um grupo ligado a ele (1Co 1.12, 9.5). Dificilmente um grupo se agregaria a Pedro sem um contato pessoal e alguma convivência com ele.

Os problemas de Corinto eram vários, mas segundo Conzelmann, os dois principais foram: a preponderância de gentios totalmente ignorantes do Antigo Testamento e suas tradições e a existência de diversas correntes religiosas gregas e romanas.

Entre esses fatores estava a descrença na ressurreição. Fortes correntes na igreja de Corinto propagavam que a ressurreição era um absurdo, uma irracionalidade. Possivelmente fossem motivadas pelas mesmas concepções existentes em Atenas, onde a pregação de Paulo sobre a ressurreição foi rejeitada com zombaria (At 17.32).

O testemunho da tradição a serviço da unidade e da missão

“Irmãos, venho lembrar-vos o evangelho que vos anunciei, o qual recebestes e no qual ainda perseverais... vos entreguei o que também recebi: que Cristo morreu pelos nossos pecados, segundo as Escrituras, e que foi sepultado e ressuscitou ao terceiro dia, segundo as Escrituras” (1Co 15.1,3-4).

Gostaríamos de analisar todo o capítulo, mas iremos nos ater aos elementos essenciais. A tradição vivida pelos após-

tolos com Jesus é fundamental e forjou o modo de ser e atuar da igreja nascente, por criar conceitos, fundamentar a fé e motivar a missão.

Na verdade, não era apenas sua memória, mas uma experiência vivida e que exigia fé; e a fé, uma vez assumida, cobrava ação e vivência, pregação e defesa: "Portanto, seja eu ou sejam eles, assim pregamos e assim crestes. Ora, se é corrente pregar-se que Cristo ressuscitou dentre os mortos, como, pois, afirmam alguns dentre vós que não há ressurreição de mortos?" (1Co 15.11-12).

Paulo evoca o elemento fundamental de toda tradição: a lembrança ou memória - "venho lembrar-vos". Não era possível ensinar e dar conteúdo à fé dos irmãos em Corinto, ameaçados de perder um fundamento da fé missionária, sem trazer à mente a tradição recebida: "e se Cristo não ressuscitou, é vã a nossa pregação e, vã, a vossa fé" (1Co 15.14).

É importante sublinhar que a lembrança evoca uma experiência histórica, concreta e testemunhada pelos apóstolos, por mais de quinhentos irmãos e pelo próprio Paulo. Nenhuma concepção doutrinária pode se afirmar apenas no testemunho de uma pessoa ou grupo; necessita ter respaldo na tradição, e sua eficácia, confirmada por diversas testemunhas. Hoje, a memória precisa evocar dois testemunhos: o do Antigo Testamento (coisa que Paulo fez por diversas vezes), e o dos apóstolos (At 2.42, 1Co 15.5).

A tradição bíblica pressupõe um dar e receber. Em toda a Bíblia, se percebe a tradição da revelação de Deus na transmissão de comunidade a comunidade e de geração a geração. Sem isso, não haveria Bíblia nem Igreja. A tradição bíblica, ao apontar a continuidade da ação de Deus na vida do seu povo, é motor para a missão, pois desafia a Igreja a ser constante testemunha da ação salvadora de Deus, que dá fundamento à tradição. Assim, a tradição é sempre um impulso à missão.

A partir da tradição, Paulo enuncia e dá conteúdo à doutrina da ressurreição. Todo o capítulo é uma reflexão séria sobre o tema, ampliando a compreensão da Igreja a respeito dessa doutrina. Certamente, Paulo levou muito tempo para elaborar os conceitos e analisar suas implicações na vida e na missão da Igreja. A questão era missionária, porque a crença ou não na ressurreição colocava a Igreja em uma encruzilhada: a passividade de uma fé restrita a um código de crença sem inserção na vida diária ou uma fé com futuro histórico, ou seja, nossa atuação no presente tem relevância histórica e escatológica. A fé na ressurreição mostra à Igreja que ela está em sua missão, construindo com Deus um novo céu e uma nova terra; o Reino de Deus, onde todos viverão em justiça, paz e amor.

Questões para refletir

- 1) Como temos mantido vivas a memória e a missão da igreja?
- 2) Temos tido a capacidade de confrontar os nossos pensamentos, doutrinas e práticas com a tradição bíblica e histórica da Igreja?
- 3) Como relacionar a tradição com a vivência contemporânea da fé e da missão?

AS MARCAS ESSENCIAIS DO POVO METODISTA

Introdução

Existem dois elementos fundamentais na vida humana: o primeiro caracteriza a *identidade*; o segundo, a *finalidade*. Quem sou e para que eu vivo são duas questões profundamente existenciais. A falta de uma resposta a essas questões cria em nós uma grande angústia.

Nos dias de hoje, diante do quadro diversificado e confuso em que vivemos, é fundamental ter consciência de nossa identidade e de nossa finalidade. Como pessoas, famílias, cristãos e Igreja, nós precisamos adquirir e configurar os elementos básicos que constituem esses dois aspectos do nosso viver.

O momento presente é angustiante em todos os seus aspectos. A crise se estabeleceu em todos os níveis da vida, atingindo-nos profundamente. O quadro social, econômico, político, moral e religioso está tremendamente conturbado.

A Igreja de Cristo vive dramaticamente esse momento. Ao mesmo tempo em que se constata uma grande movimentação religiosa, com uma crescente busca por Deus, pelo místico e mágico, verifica-se uma grande conturbação na expressão e na vivência da fé. As pessoas e o povo são levados por "todos os ventos de doutrinas", "agitadas de um lado para outro". O desespero existencial do presente momento favoreceu a busca desesperada por algo que traga esperança e vida à pessoa e à sociedade. Essa situação faz despontar mo-

vimentos os mais diversos no seio da Igreja e da sociedade. É o momento dos “messianismos”, “da magia”, “do misticismo extremado” e do “descompasso” no relacionamento das pessoas consigo mesmas, com o próximo, com a sociedade e, em especial, com Deus.

Movimentos religiosos de todas as tendências surgem, levando-nos, muitas vezes, a uma confusão generalizada. Há que se ter a mente aberta, a fim de avaliar e examinar tudo quanto surge como “novo”, passando pelo crivo da Palavra de Deus e de todos os instrumentais doutrinários, institucionais, culturais, científicos e eclesiais. Nessa constante agitação, nem tudo que “sopra” é do Espírito. Ao contrário, há muito que contraria a coerência da natureza, da presença e ação do Cristo Ressurreto, pelo Espírito Santo.

Da mesma forma, os valores materialistas e seculares de nossa sociedade têm influenciado gradativa e dinamicamente a Igreja. Faltam meios adequados para analisar o presente e equipar a pessoa cristã e a Igreja para serem uma força “transformadora” e não “conformadora” no presente século.

Em meio a toda essa situação, corremos o risco de perder a configuração de nossa identidade e o sentido de nossa finalidade - a vocação para a qual fomos chamados.

O ministério pastoral da Igreja Metodista é convidado a fazer uma reavaliação da identidade ministerial do cristão, da Igreja e da finalidade de sua presença vocacional. Precisamos, urgentemente, caracterizar as marcas essenciais de nossa fé cristã e metodista. Essas marcas deverão nos ajudar a manter firme a nossa identidade e a expressar com fidelidade o nosso sentido vocacional junto às pessoas, à sociedade, à Igreja de Cristo e ao mundo. Wesley dizia com clareza: “No essencial, unidade...” Temos que definir o que é o “essencial”. Todo o ministério pastoral, todo cristão metodista e

toda a Igreja Metodista devem estar sintonizados com o que lhes é "essencial".

Os bispos em suas Regiões convocaram encontros ministeriais com os pastores e pastoras, procurando, dentre vários objetivos, analisar, avaliar e configurar as marcas essenciais de nossa fé (os elementos básicos da unidade metodista) e fizeram o mesmo entre si como Colégio Episcopal. Esse trabalho é um desafio para todos nós. Desafio não de apenas configurar, mas identificar e levar avante, com fidelidade, aquilo que nos é peculiar como povo cristão, parte ativa do Corpo de Cristo. Somos um com todo o Corpo de Cristo, participando da missão divina no mundo presente, trazendo conosco uma significativa experiência de fé e uma contribuição relevante para o ser humano, a família, a sociedade e a Igreja do Senhor.

O primeiro desafio de nossa caminhada é estabelecer a configuração daquilo que nos é fundamental. Não somos um povo e uma comunidade sem história e sem valores. Conhecemos a nossa história e temos consciência de nossos valores. Esses dois aspectos - história e valores - não estáticos, mas dinâmicos, ativos e renovadores.

Em muitos momentos de nossa história, temos procurado caracterizar aspectos, reavaliá-los e renová-los à luz de nossa realidade e necessidades.

A base de nossa identidade

"Preguem a nossa doutrina, inculquem a experiência, estimulem a prática, reforcem a disciplina. Se vocês pregarem somente a doutrina, o povo será antinomiano; se pregarem somente a experiência, ele será entusiasta; se pregarem somente a prática, fariseu; e se vocês pregarem tudo isso e não reforçarem a disciplina, o Metodismo será como um jardim cultivado, porém sem cercas, exposto à destruição de porcos

selvagens". (Texto encontrado abaixo de um antigo retrato de João Wesley, exposto na Nicolson Square Church, em Edimburgo, Escócia. É a resposta de Wesley a respeito de como o Metodismo seria mantido vivo, após a sua morte).

O Concílio Geral de 1982 aprovou como base para o Plano para a Vida e a Missão da Igreja os "Elementos fundamentais da unidade metodista". Esses elementos nos ajudam a estabelecer as marcas essenciais de uma pessoa metodista. A partir daqui podemos destacar:

a. A base da fé e da prática do Metodismo é a Bíblia. Aceitamos completa e totalmente as doutrinas fundamentais da fé cristã, enunciadas nos Credos promulgados pelos concílios da Igreja dos quatro primeiros séculos da Era Cristã.

b. A experiência pessoal com Cristo é fundamental para a vida cristã pessoal e comunitária. Uma experiência dinâmica, contínua e progressiva.

c. A presença e o poder do Espírito Santo são fundamentais tanto para a vida da comunidade da fé como para a vida de piedade pessoal. "É o Espírito que testifica ao nosso espírito que somos filhos de Deus."

d. A vida de disciplina pessoal e comunitária é expressão de nosso amor a Deus, ao próximo e a nós mesmos; disciplina que objetiva um contínuo compromisso com o crescimento em santidade. A santificação é vivenciada e proclamada tanto em nível pessoal como social. Ela se concretiza em atos de piedade e atos (obras) de misericórdia.

e. A paixão evangelizadora é o testemunho de uma fé viva, prática e objetiva, para proclamar e sinalizar a todas as pessoas as boas-novas do amor de Deus revelado em Jesus Cristo.

f. Compromisso com o bem-estar da pessoa total: espiritual, moral, física, emocional, psicológica, mental e social. Esse compromisso surge com a experiência pessoal de salvação e é uma viva expressão da santificação. É uma ex-

pressão convicta do crescimento na graça e no amor de Deus. Em sua vivência missionária, os metodistas anunciam o Evangelho, denunciam situações que oprimem as pessoas e a sociedade, preocupando-se, em especial, com a penúria e miséria em que vivem os pobres. O poder salvador de Cristo transforma as pessoas, as situações em que elas vivem e seu contexto social.

g. Sacerdócio universal de todos os crentes. Reconhecemos e enfatizamos o fato de que todo o povo de Deus é chamado a desempenhar os ministérios, com os dons concedidos pelo Espírito, junto das pessoas e da sociedade (mundo). É a grande ênfase da participação do “laicato” na vivência interna da Igreja e na sua expressão missionária.

h. O sistema conexional é característica básica e fundamental para a existência do Metodismo, tanto como movimento espiritual quanto instituição eclesiástica. A partir dessa forma de ação em mutualidade, desenvolvemos a nossa vocação histórica. “Reformar a nação, particularmente a Igreja, e espalhar a santidade bíblica sobre toda a terra” (Wesley).

i. A consciência de que somos “parte da igreja de Jesus Cristo no mundo”. Temos a consciência da unidade com todo o povo cristão, estendendo a mão a todas as pessoas cujo coração é como o nosso, procurando preservar a unidade do Espírito no vínculo da paz, a fim de sinalizar, de forma visível ao mundo, a unidade do Corpo de Cristo.

j. A graça divina é o fundamental de toda a revelação. O Metodismo enfatiza a experiência e a vivência na graça, pela fé receptiva. Graça preveniente, graça justificadora e graça santificadora, pessoal e comunitária. Pela fé amorosa, obediente e ativa, nos apropriamos da graça e a expressamos no amor prestado a Deus e ao próximo.

l. A Igreja Metodista vê-se em sua natureza como um corpo. Um organismo vivo, uma comunidade de fé, adoração, crescimento, testemunho, amor, apoio e serviço, semelhante à comunidade apostólica. É na participação nessa viva comunidade de

Cristo que somos despertados, alimentados, unidos, edificados, de forma que podemos crescer, compartilhar, testificar e servir.

m. A vivência prática da fé cristã. O Metodismo afirma o valor da prática e da experiência da fé cristã. Antes de tudo, o Metodismo é um cristianismo prático. A vivência prática leva a sério o comportamento ético. A prática e a experiência da fé são confrontadas e confirmadas pela Palavra de Deus, tradição e experiências cristãs, razão, natureza e comunidade da Igreja. O elemento básico para a constatação e a confirmação dessa vivência é a Palavra.

O Colégio Episcopal, no decorrer dos anos, procurou estimular, alimentar e municiar a Igreja Metodista com pastorais, diretrizes, orientações e documentos nos quais podemos compreender com clareza os elementos fundamentais de nossa fé, tais como: "Pastoral sobre a doutrina do Espírito Santo e o movimento carismático", "Orientações pastorais sobre o uso dos dons do Espírito e outras práticas", "Servos e servas, sábios e sábias, santos e santas, solidários e solidárias", "Igreja ministerial: desafios e oportunidades", "Planejamento Nacional" – com o tema "Igreja: comunidade missionária a serviço do povo", aprovado no Concílio Geral de 1991 –, estudos, reflexões, orientações, documentos. Historicamente, os Concílios Gerais estabeleceram e mantiveram o "Credo Social da Igreja Metodista" e as "Regras Gerais", originadas da tradição histórica wesleyana.

Livros e estudos foram publicados, como: "Aspectos do Metodismo histórico", de Sante Uberto Barbieri, "As crenças fundamentais dos metodistas", de Mack B. Stokes, traduções de "Os sermões de Wesley", "João Wesley, o evangelista", de Francis Gerald Ensley, "Metodismo: releitura latino-americana", de José Míguez Bonino, "O desafio de João Wesley para os dias de hoje", de Gonzalo Baéz Camargo, "Vida devocional na tradição wesleyana", de Steve Harper, "Salvos pela graça", do Concílio Mundial Metodista.

Para os encontros ministeriais, será editado número especial da revista *Caminhando*, com um estudo a respeito das

“Marcas fundamentais do Metodismo”, escrito por um grupo de trabalho indicado pelo Colégio Episcopal.

Numa análise rápida de alguns textos citados, podemos verificar onde se encontram as ênfases que caracterizam as marcas fundamentais de nossa identidade metodista, definindo *quem somos e para que existimos*.

Uma das grandes ênfases históricas do Metodismo é que a sua postura representa uma visão e uma prática equilibradas da fé e da vida cristãs; equilíbrio entre doutrina e prática da fé; ciência e fé; piedade e misericórdia; evangelização e serviço; testemunho e vida; unidade e diversidade; salvação pessoal e social; liberdade e moral; santificação pessoal e social; graça e fé; fé e obras; lei e graça; adoração e edificação; experiência pessoal e perfeição cristã; convívio pessoal e ética pessoal e comunitária; louvor e proclamação; evangelho pessoal e social; missão e testemunho; vida interior e missão; entusiasmo e compromisso; liberdade e disciplina; corpo de Cristo e instituição; fé e razão; Bíblia e tradição; experiência pessoal e comunitária; missão profética anunciadora e denunciadora, conversão, santificação e testemunho; vida no presente século e fé escatológica; Espírito Santo e resposta humana...

Algumas características estão presentes na trajetória do povo metodista:

1. Forte espiritualidade: A graça divina é atuante, motivando a pessoa a aceitar a experiência da conversão e da nova vida em Cristo. Essa espiritualidade que parte da conversão, leva a pessoa a um contínuo crescimento em santificação, em todas as dimensões. Uma espiritualidade em que os meios da graça (a oração, a meditação e o estudo da Bíblia, o jejum, as vigílias, o louvor, o culto, a pregação e a edificação da comunidade) estão continuamente presentes. Não é uma piedade individualista, personalista ou separatista, mas comunitária e se abre à contínua ação do Espírito em termos

personais, comunitários e sociais. Wesley preocupava-se intensamente com a vivência interior de sua espiritualidade. A graça de Deus o guiaria a uma santificação interior, plena do amor divino, expressa numa autêntica preocupação amorosa pelo ser humano e pela sociedade, uma santificação preocupada com o comportamento ético e moral em todos os seus aspectos. O Metodismo foi expressão dessa espiritualidade dinâmica pessoal e comunitária. A plenitude da manifestação do Espírito na pessoa e na comunidade testifica o lugar fundamental do Santo Espírito no movimento. Ele não seria apenas o consolador, mas o sustentador, o fortalecedor, o inspirador, o provedor no caminho da verdade, o facilitador da experiência com a graça, o gerador do dom para o frutificar da nova vida. Não há Metodismo autêntico sem a dinâmica pessoal e comunitária da fé em expressão de espiritualidade.

2. Evangelização dinâmica: A certeza, a segurança, a alegria e o gozo da fé fizeram dos metodistas evangelistas dinâmicos. A grande bênção do amor divino revelado e experimentado pessoal e comunitariamente seria partilhado no testemunho. A ação evangelizadora é uma ação de amor a Deus e ao próximo, expressa sob diversos meios, para levar o poder do Evangelho às pessoas e à sociedade. Os cânticos renovadores, a pregação, as novas formas de comunicação do Evangelho, a pregação leiga, os grupos pequenos, o contato com o povo pobre, sofrido e marginalizado revelam a natureza e a dinâmica da evangelização. O evangelho encarna-se na realidade das pessoas e da comunidade. A graça e o amor divinos são proclamados amorosa e vigorosamente. A confiança na atuação do Espírito Santo e o cumprimento do mandato missionário levaram o povo metodista a expressar, sob formas diversas, a encarnação do amor divino. Proclamando, anunciando, sinalizando, vivenciando, dando o testemunho coerente da nova vida, a nova dimensão do Evangelho foi espalhada por toda parte.

Há, aqui, o sentimento profundo de amor e solidariedade para com a pessoa e suas condições de vida. A realidade e as necessidades das pessoas e da comunidade sempre foram levadas em consideração, possibilitando uma interação dinâmica entre as “boas-novas do evangelho” e quem as recebia.

3. Comunidade de apoio: O Metodismo surge como um movimento de “restauração” da fé primitiva. A estruturação comunitária surgida a partir do movimento wesleyano foi decisiva para o crescimento, aprofundamento e expansão da obra. Pequenos grupos comunitários surgem: “bands”, “classes”, “sociedades” e as “conferências”. Todos eles passam a representar, de forma comunitária, o agrupamento amoroso e solidário de quem era alcançado. Forma-se uma comunidade, semelhante à comunidade apostólica, na qual um “só era o coração e a alma dos que criam”. Um grupo de apoio, comunhão, solidariedade, ajuda mútua, amor e serviço passa a existir. O Metodismo torna-se uma comunidade viva do Corpo de Cristo na expressão da fé, da adoração, do amor, da solidariedade, do crescimento e do serviço. Essas pequenas comunidades foram fundamentais para a vivência da fé e o desenvolvimento do movimento.

4. Cristianismo prático: O Metodismo originário foi uma expressão da fé prática e atuante: um cristianismo vivo. Vivenciou a fé nas suas dimensões básicas, em especial, o “amor dedicado a Deus e ao próximo”. Experimentou com o povo e junto a outras comunidades cristãs aquilo que era fundamental para a “prática da vida cristã”. Viver com vitalidade e fidelidade a fé, à luz da Palavra divina e na inspiração e sustentação do Espírito, foi uma forte característica dos metodistas. A contínua busca pela perfeição cristã revela essa característica do Metodismo primitivo. A fé é expressa nos atos de piedade e obras de misericórdia, e são o sentido interior e exterior da santificação e da ação evangelizante.

5. Ministério global da Igreja: Aqui encontramos uma força renovadora no movimento metodista. O ministério da Igreja

deixa de centrar-se no clérigo. Surge o laicato e dentro dele o trabalho da mulher. O leigo torna-se o principal agente do movimento, destacando-se os pregadores leigos e os líderes dos grupos. A expansão do movimento tem no laicato a sua força. Wesley cria uma forma dinâmica de “disciplina pessoal e comunitária” para possibilitar o crescimento e a supervisão desse ministério. Os dons e os ministérios do Espírito são reconhecidos, aceitos, avaliados e empregados na obra missionária da comunidade metodista. Todavia, essa ação do laicato deveria estar sob condições fundamentais: (a) “Tens a graça?” (a experiência viva com a graça); (b) “Tens o dom?” (dons que podem autenticar o ministério); (c) “Tens os frutos?” (os resultados objetivos que a graça e o dom produzem na vida e na ação ministerial).

6. Conexidade: É o princípio de mútua cooperação, do apoio mútuo, do ajuste e cooperação de cada parte. Há um princípio de unidade e de interação no movimento metodista. Não são ações individualistas e nem separatistas; antes, ações que expressam a unidade, a diversidade e a mutualidade de todo o Corpo. Essa visão de unidade do Corpo de Cristo fez com que Wesley levasse os metodistas a permanecer integrados na Igreja Anglicana. O movimento metodista seria uma força de renovação para a própria Igreja da Inglaterra e de transformação da nação. Os grupos não são corpos partidos, mas integrados uns aos outros. A própria forma organizacional do movimento ilustra essa realidade conexional: bands, classes e sociedades, um apoiando o outro, formando uma integração maior. O surgimento das Conferências sinaliza de forma mais viva essa realidade. Além desse aspecto interno e missionário, há também a visão da universalidade da Igreja de Cristo, na qual o reconhecimento, o respeito, o diálogo e a cooperação com os outros grupos cristãos tornam-se de significativa importância. Era a busca constante de “preservar unidade do Espírito, no vínculo da paz”. O coração do Metodismo estava aberto, e as mãos, estendidas a todas as pessoas que possuíam

o seu coração em uma relação de retidão e justiça para com Deus e entre si.

7. Evangelho integral: Wesley vivenciou o Evangelho de forma integral. Dava grande importância aos aspectos pessoais da salvação e da nova vida sem desvalorizar o sentido social da fé cristã. O Evangelho e o poder de Deus destinados à pessoa total e à totalidade das pessoas. Surge, de forma dinâmica, a visão de pecado individual e social, salvação individual e social e santificação individual e social. O testemunho missionário da comunidade metodista levou em consideração a sociedade da época, com suas realidades e necessidades, e a situação concreta em que vivem as pessoas. O meio ambiente das pessoas carece, também, da transformação evangélica. As forças que oprimem e destroem a vida devem curvar-se sob o poder da graça divina. O Metodismo vivenciou o Evangelho de forma integral, pessoal e social; individual e comunitária.

Temos aqui alguns aspectos do Metodismo primitivo. O momento presente é um desafio para estabelecer tudo o que é “essencial” para a Igreja Metodista em sua ação pastoral e em sua caminhada missionária. Precisamos buscar com intensidade e encontrar, de forma unânime, o essencial que nos “caracteriza”, “nos identifica”, “dá a tônica de nossa mística”, “de nossa visão e ação evangelizadora” e da nossa “vivência missionária”.

Alguns esforços têm sido feitos nesse sentido. A carta do Colégio Episcopal, “Servos e servas, sábios e sábias, santos e santas, solidários e solidárias”, conclama a Igreja Metodista a refletir a respeito de sua situação, da unidade e da missão. No capítulo 2, *Marcas e compromissos metodistas que unem e edificam a caminhada da Igreja*, são enfatizados os seguintes aspectos:

a) a graça de Deus é vivenciada na experiência pessoal e comunitária;

b) a obra do Espírito Santo na vida do crente e da Igreja é fundamental;

c) a paixão evangelizadora é resultante da experiência com a graça;

d) as obras de misericórdia são expressão e resultado da experiência da graça;

e) as “classes” são uma recriação da comunidade da fé, produzindo uma igreja não-dispersa, por meio de uma estrutura de testemunho, mútuo amparo e instrução;

f) o estilo de vida visa à perfeição cristã. A doutrina da santidade é o padrão desejável, tanto para o crente, em seu comportamento, como para a nação: “espalhar a santidade bíblica sobre toda a terra”;

g) o culto, com seus hinos e canções, educa e direciona a caminhada de renovação da Igreja em seu compromisso evangelizante, e dá testemunho de serviço ao próximo;

h) os ministérios leigos são valorizados – os membros da comunidade ministram-se mutuamente pelos diferentes dons e ministérios;

i) Wesley e o Metodismo nunca perderam de vista a conexão do movimento, como uma compreensão da soberania de Deus e de seu amor integrador;

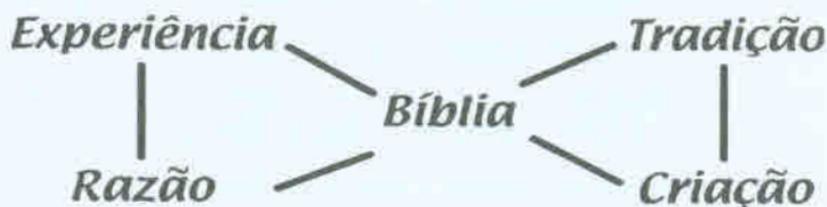
j) o Metodismo aparece como uma “simples restauração do cristianismo”: “Amar a Deus sobre todas as coisas, e ao próximo como a nós mesmos”;

l) a herança espiritual, baseada nas Escrituras Sagradas, é revivida e revigorada na experiência prática, e nos leva a enxergar os aspectos negativos e positivos de nossa vivência. Ao mesmo tempo, perguntamos: “Eis-nos aqui, Senhor; que queres que façamos?”.

Na efervescência dos movimentos religiosos nos dias de hoje, é importante usar os instrumentais de João Wesley para avaliar o “movimento metodista” na fidelidade à sua missão e junto das influências religiosas da época.

O esquema abaixo revela o que Wesley considerava como fontes do conhecimento. A Bíblia é o elemento central de toda a

interpretação e avaliação. A tradição, a experiência, a razão e a criação se relacionam e se integram na compreensão de Deus, da vida e dos fenômenos religiosos e missionários. Todas elas se voltam à sua fonte principal: a Bíblia. Aqui temos um fundamento essencial para a avaliação das tendências religiosas nos dias atuais, e das práticas dos metodistas em sua vivência na fé e na expressão de sua ação pastoral e missionária.



Publicado na revista Caminhando e na Mosaico
(Faculdade de Teologia)

A base fundamental de toda a doutrina e vivência metodista é a graça de Deus

O Metodismo surge da teologia da graça; graça livre de Deus, manifesta pelo Pai, Filho e Espírito Santo; graça apropriada pela fé receptiva, amorosa e obediente. A pessoa tem a liberdade de aceitar ou não a graça. O livre-arbítrio é algo essencial na teologia e na experiência metodistas. Confrontados pela graça, somos solicitados a aceitá-la ou não, dando a nossa resposta de fé e usando nossa liberdade de escolha.

A ilustração acima, inspirada no texto da Revista Caminhando, revela os níveis da graça trabalhados dinamicamente por Wesley.

O Pai revela-se na ação criadora e providencial. Dele emana a graça preveniente que alcança todas as pessoas, independentemente da sua aceitação ou não do amor divino. Do Filho, por seu sacrifício, sua obra expiatória e pela vitória na ressurreição, surge a graça justificadora, que perdoa, restaura e concede a nova vida. Do Espírito Santo, manifestação

presente do Cristo Ressurreto na pessoa cristã, na Igreja e no mundo, surge a graça santificadora.

A regeneração, o novo nascimento, a evidência da graça e da fé em nosso espírito são obras do Espírito. Por essa graça, crescemos em santificação na dimensão da piedade pessoal e comunitária e das obras de misericórdia (ver ilustração da revista *Caminhando*, número 6, p.32).

Devido à sua ênfase na graça, João Wesley dá grande importância aos meios de graça: a Igreja, os sacramentos, a leitura e meditação da Bíblia, a vida devocional, o jejum, a oração (caridade), o culto, o louvor. Pelos meios de graça, o Espírito de Deus atua dinamicamente na vida humana.

Na perspectiva da graça, Wesley coloca a centralidade de sua fé escatológica. As “ordens da natureza” e da “graça” encontram no juízo final a sua realização última e plena. O Reino de Deus se completa nessa união misteriosa, chamada por alguns de “graça consumatória”.

Wesley valoriza em extremo nossa participação e cooperação com a graça divina. Ele nos diz: “Sabeis como Deus trabalhou em vossa própria alma... Ele não vos tirou o entendimento, mas o iluminou e fortaleceu. Não destruiu qualquer das vossas afeições, antes, são elas mais vigorosas que antes. Muito menos tirou a vossa liberdade, o vosso poder de escolher o bem ou o mal; não vos forçou, mas, sendo assistidos pela sua graça, como Maria, escolhestes a melhor parte” (BURTNER e CHILES. *Coletânea da Teologia de João Wesley*. São Paulo: Imprensa Metodista, 1960. p.146). Wesley cita, a seguir, Agostinho: “Aquele que nos fez sem nós não nos salvará sem nós”.

Conforme seu sermão, “As marcas de um metodista”, Wesley se “recusava” a ser distinguido dos outros homens a não ser pelos princípios do cristianismo. O simples, o velho cristianismo “é o que eu ensino, renunciando e detestando todos os demais sinais que sirvam para a distinção”. Ele abraçava firme-

mente as “convicções centrais do Cristianismo histórico”. Ele adverte contra a tendência de reduzir o Metodismo a uma ou outra ênfase: “Um metodista não se distingue por colocar toda ênfase da religião em uma única parte dela. Se você afirma o contrário, que ‘sim’, pois somos ‘salvos somente pela fé’, eu afirmo que você não compreendeu os termos da questão. Por ‘salvação’, entendo também ‘santidade de vida e de coração’. É isto colocar uma parte da religião como se fosse o todo?” (As marcas de um metodista, Imprensa Metodista).

Disciplina pessoal e comunitária

Wesley vivenciou sua vida cristã e seu ministério de forma disciplinada. Era metódico e possuía uma disciplina rígida para consigo e com o seu movimento. Na expressão dessa disciplina, procurava definir “prioridades” para a vivência e a ação do seu movimento. Ao desenvolver a formação dos seus seguidores, bem como pregadores leigos e pastores, orientou-se quanto à importância e dinâmica da disciplina pessoal e, de forma enfática, a comunitária. Era severo em suas exigências e orientações, e seguia o princípio do apóstolo Paulo: “Esmurrava o seu próprio corpo...” quando necessário à fidelidade da fé, do ministério e da missão.

Criou princípios básicos de disciplina para o funcionamento dos grupos (bands), classes, sociedades e para a vivência pessoal e comunitária da fé, considerados importantes para a sobrevivência e a expansão do movimento. Estabeleceu, depois, normas fundamentais para as Conferências e a estrutura do movimento.

A disciplina era fundamental ao equilíbrio da fé pessoal e comunitária. Dizia ele: “Pregar a doutrina, a prática e a disciplina evita o legalismo, o individualismo, o formalismo e o emocionalismo. Onde prevaleceu o equilíbrio foi o que mais frutificou”.

Estabeleceu as “Regras Gerais” como princípios básicos

do comportamento pessoal e comunitário dos metodistas. As "Regras Gerais" visavam:

1º. "Não praticar mal algum" em relação a Deus, a si mesmo, ao próximo, à sociedade.

2º. "Praticar o bem" (fazer todo o bem possível) a Deus, a si mesmo, ao próximo, à sociedade, levando em consideração os 'próprios corpos' e a pessoa total em suas necessidades espirituais, morais, físicas, emocionais, econômicas e sociais (tanto quanto possível em todas as oportunidades).

3º. "Observar os preceitos (ordenanças) de Deus"; em especial o culto; vivência na comunidade da fé, participando ativamente da vida interna e missionária, em todas as suas dimensões e responsabilidades; ler, examinar e estudar as Sagradas Escrituras; participar da Santa Ceia, orar, jejuar e praticar a abstinência.

Além do seu aspecto disciplinador, as "Regras Gerais" definiam também o sentido missionário da comunidade metodista.

Consciência vocacional

Há um grande vigor na consciência vocacional do movimento wesleyano. Entendia Wesley que havia uma razão de ser do Movimento Metodista. Era como dar oportunidade à expressão de Lutero: "Igreja reformada sempre se reformando". O Movimento Metodista foi reformador e renovador. Wesley concluiu que a vocação que o Senhor lhe dera era: "reformar a nação, particularmente a Igreja, e espalhar a santidade bíblica por toda a terra". Ele via o "mundo todo como a sua paróquia" e nesse sentido ampliou a área de ação do seu movimento à Irlanda, Escócia e daí à América. Foi um movimento altamente missionário.

A missão do povo metodista continua. Há uma vocação dinâmica e objetiva levando-nos a ser continuamente um instrumento de "reforma" e "renovação" junto ao povo de Deus, pessoas e

nações. A “santidade bíblica”, expressão básica da salvação pela vivência da fé e das obras de piedade e misericórdia, continua a ser o desafio missionário do povo metodista. A salvação, como decorrência da experiência e vivência de uma espiritualidade dinâmica, abrange a pessoa em sua totalidade da vida. Santificar, pelo poder do Espírito, a vida das pessoas, das famílias, da sociedade, dos sistemas e da nação, como expressão do Reino de Deus, é um desafio contínuo para a missão da Igreja.

Nosso chamamento

Somos chamados, hoje, a reconhecer, reavaliar, reatualizar as marcas básicas da nossa identidade. Temos a oportunidade de nos estimular no sentido de compartilhar não apenas o nosso conhecimento, mas a nossa vivência na comunidade wesleyana, configurando aquilo que é essencial a todos nós – bispos, membros, pastores e pastoras, instituições e organismos.

Necessitamos, urgentemente, de parâmetros que sinalizem a unidade na forma de crer, sentir, pensar, agir e expressar a vivência pessoal e comunitária de nosso povo. Nosso referencial básico é a Palavra do Senhor, vista à luz da experiência, da vivência e da caminhada da Igreja, da tradição, da razão e da revelação divina através da natureza.

A partir de nossa “unidade básica”, podemos reconhecer a diversidade da ação do Espírito, vivenciar a mutualidade e, acima de tudo, viver em “amor”. Reconhecemos, por meio dos dons e ministérios do Espírito, que há reservados aos metodistas um papel e uma vocação fundamentais para todo o Corpo de Cristo, do qual somos uma parte, para nossa nação e para toda a comunidade humana ao longo da história, da qual Deus é Senhor.

Estudo Bíblico 2

BÍBLIA E EXPERIÊNCIA

“Eu te conhecia só de ouvir, mas agora os meus olhos te vêem...” (Jó 42.5)

Introdução: Por que a experiência?

Passar da tradição à experiência, duas partes insuperáveis na caminhada do povo de Deus, é reconhecer que a tradição é a soma das experiências do povo. Essa soma se incorpora à memória da comunidade, consolidando a vida do povo e seu modo de ser. Assim, não há tradição religiosa sem experiência com Deus. Ambas ocorrem na moldura da vida, que é a criação, a natureza, e procuram se expor e se refletir pela razão. São partes indissociáveis da vida humana e compõem o quadrilátero sensato de João Wesley, tendo sempre a Bíblia como centro.

A Bíblia é um somatório de diferentes experiências. Cada personagem chamada por Deus experimenta, com Ele, confrontos e experiências que se incorporam à narrativa bíblica.

Dentre as experiências marcantes que encontramos na Bíblia, a de Jó é extremamente ilustrativa. Jó é descrito como exemplar, justo e íntegro (Jó 1.8), mas reconhece que seu conhecimento de Deus vinha principalmente do ouvir e aprender. Não que isso não fosse importante, tanto que este conhecimento foi suficiente para torná-lo um servo fiel e aprovado por Deus. No entanto, ele precisou passar por uma dura experiência para conhecer a Deus de um modo mais pessoal, e descobriu coisas maravilhosas, em sua própria vida e na natureza,

que o levaram a declarar que agora o conhecia pessoalmente, por isso abominava-se e se arrependia no pó e na cinza.

A experiência é um elemento vital à vida cristã. Ela renova e aviva nossos conceitos de fé. A única dificuldade é centralizar nossa vida religiosa nas experiências. Isso pode nos levar a erros graves; a experiência precisa se confrontar com a tradição bíblica, a tradição da igreja, com a razão e a natureza, de modo que componha um saudável mosaico impulsionador da fé e da missão.

Assim, examinaremos a experiência de Paulo, conforme sua própria descrição em Atos 22.1-21, como importante referencial na sua formação e na obra missionária que ele realizou.

A religiosidade marcada pela experiência: o testemunho de Paulo

Quando refletimos sobre a vida e a missão de Paulo, não podemos desconsiderar sua experiência com Deus no caminho de Damasco. Paulo não teria sido o apóstolo que foi sem essa vital experiência, à qual se reporta em várias de suas cartas (Gl 1.16-17, 1Co 15.8, Fp 3.4-7). Do mesmo modo, a Igreja Primitiva considerou a experiência de Paulo um marco para as missões, de tal modo que ela se incorporou ao livro de Atos dos Apóstolos, sendo descrita várias vezes (At 9.1-9; 9.27; 22.1-21; 26.1-23).

Alguns elementos descritos por Paulo em Atos demonstram o papel da experiência na vida cristã.

a) A experiência precisa ser inteligível e compreensível

“Quando ouviram que lhes falava em língua hebraica, guardaram ainda maior silêncio” (Atos 22.2). Paulo achava que seu ministério e a defesa dele seriam compreendidos se os judeus que o julgavam ouvissem e entendessem sua experiência. Ela era o elemento que dava sentido à exposição teológica que fazia a seus ouvintes. Por isso, numa atitude pas-

toral, com o propósito de chegar junto de seus irmãos judeus, falou a eles em hebraico.

Isto nos mostra que toda experiência tem que ser útil não apenas para quem a vive, mas para toda a comunidade; por isso deve chegar a ela de modo inteligível. Devemos ter cuidado com as experiências que fogem à compreensão e à racionalidade. Assim, a experiência tem que ser compreensível para a pessoa e para a comunidade, a fim de ter um fim proveitoso e efetivo.

b) A experiência não se opõe à tradição bíblico-religiosa, mas nela se apóia e se impulsiona para a missão

“Aqui fui instruído aos pés de Gamaliel, segundo a exatidão da lei de nossos antepassados, sendo zeloso para com Deus, assim como todos vós” (Atos 22.3). Paulo valorizou diante de seus ouvintes aquilo que aprendera dos pais e da tradição teológica judaica. O texto mostra, inclusive, Ananias vinculando a experiência de Paulo à tradição dos pais (Atos 22.14). Isto nos adverte que toda experiência religiosa visa dar continuidade ao processo da revelação de Deus na História, não consistindo em uma ruptura total, mas sim, numa retomada da fé e da tradição já existentes, reorientando e dinamizando a fé e renovando a experiência do povo de Deus. É importante sublinhar que a presença de Ananias confere a Paulo o reconhecimento da comunidade cristã primitiva. A experiência, embora pessoal, precisa ter o reconhecimento da comunidade de fé. E isso ocorre quando ela é alcançada pelos frutos e sinais do Reino que a experiência com Deus deve gerar.

Devemos ter muito cuidado com experiências religiosas que, para subsistirem, precisam destruir a história e a tradição passadas. Assim agiram todos os líderes de heresias na história da Igreja. Vejam o exemplo de Joseph Smith, o líder do mormonismo e sua experiência do Livro de Ouro.

É verdade que os movimentos de Reforma romperam com algumas práticas e doutrinas que se instauraram na Igreja ou no povo de Israel, mas o fizeram reportando-se à revelação bíblica, ao ensino dos apóstolos e ao senso comum, sempre na direção da necessidade do povo, e retomando tradições e verdades bíblicas esquecidas. Assim fez Lutero com a doutrina paulina da justificação pela fé. Assim fez Wesley com a doutrina da santificação: ambos retomam um ensino bíblico e o transformam em uma experiência a ser vivida com Deus.

c) A experiência: porta aberta à transcendência de Deus

“Aconteceu que, indo de caminho e já perto de Damasco, quase ao meio-dia, repentinamente grande luz do céu brilhou ao redor de mim... Caí por terra, ouvindo uma voz que dizia: Saulo, Saulo, por que me persegues?” (Atos 22.6-7). Paulo era fariseu, educado aos pés de Gamaliel e, como tal, de uma religiosidade severa, com uma formação teológica de alto nível para os padrões da época. O mesmo se pode dizer de João Wesley, após seus estudos em Oxford. Nem por isso realizavam a missão de acordo com o padrão e o propósito de Deus para eles.

A experiência de Paulo na estrada de Damasco, e a experiência de João Wesley em Aldersgate fecundaram profundamente a formação teológica desses servos de Deus. Paulo não seria o apóstolo e o missionário que foi sem aquela experiência profunda e pessoal com Jesus.

A experiência com Deus traz para o cotidiano a sensação vital do poder e da soberania de Deus, fazendo com que as verdades teológicas sejam mais que informações acadêmicas bem elaboradas, mas verdades vividas, experimentadas e que, ensinadas, chegam aos ouvintes carregadas com maior convicção e paixão. Afinal, são parte da vida.

Cabe dizer que a experiência de Paulo gerou um compromisso missionário. Devemos questionar as experiências reli-

gias que não lançam os envolvidos e a igreja numa ação missionária fora das quatro paredes, ou ainda experiências que produzem vaidade e, com isso, quebram a unidade.

Reconhecemos que Paulo e Wesley precisaram de muitas outras experiências além das de Damasco e Aldersgate, mas isso só prova que um servo ou serva de Deus que o conhece só de ouvir está incompleto em sua formação teológica. Precisa descobrir e conhecer por experiência pessoal que o poder e a soberania de Deus são verdades não apenas intelectuais, mas possíveis de serem experimentadas a cada dia. Entendemos que nós, metodistas, precisamos de constantes experiências com Deus.

Conclusão: **Como obter experiências com Deus?**

Esta pergunta pede uma só resposta básica: Buscando! O profeta Isaías afirma: "Buscai o Senhor enquanto se pode achar" (Is 55.6). Havia em Paulo uma ânsia, um desejo ardente de fazer a vontade de Deus, de servi-lo. Por isso, pegou uma carta que o autorizava a buscar os hereges cristãos. Havia sede e inquietude no coração de Paulo (Fp 3.4-6). O mesmo se pode dizer de João Wesley. Ao retornar da América, estava ansioso, buscando respostas espirituais. Em função disso, teve o seu Aldersgate.

A nova experiência, tanto em Paulo com em Wesley, foi marcada pela casualidade; não buscavam uma emoção, mas a tiveram. Buscavam, sim, ser zelosos diante de Deus e cumprir sua missão, por isso faziam mais que outros.

Preocupa-nos a busca que exige "um sentir", uma emoção. Essa pressão leva as pessoas a uma emotividade, e não necessariamente ao encontro com Deus; favorece o desequilíbrio. Não nos esqueçamos: a experiência com Deus gera emoção! A emoção não gera, necessariamente, uma experiência com Deus!

Por outro lado, os servos de Deus que já se sentem satisfeitos com seus poucos resultados, que consideram saber tudo a respeito de Deus, dificilmente terão uma experiência forte e pessoal com Ele. Novas experiências com Deus ocorrem com quem tem sede dele e o busca a cada manhã. Os servos e servas acomodados continuarão na mesma situação, repetindo monotonamente suas verdades teológicas, as quais, embora verdadeiras, não mudarão a história, pois lhes falta a unção, resultado de um contato diário com a transcendência de Deus.

Do mesmo modo, nenhuma experiência será seriamente considerada se não vier acompanhada de uma reflexão séria, fruto de uma boa formação teológica, na qual a leitura e a pesquisa são altamente valorizadas como instrumentos capazes de realçar a experiência com Deus.

AS MARCAS METODISTAS À LUZ DA REALIDADE DE HOJE

Logo no início do movimento metodista, no final de 1739, João Wesley foi procurado em Londres por cerca de dez pessoas que “pareciam estar profundamente convencidas de seus pecados e que aspiravam ansiosamente por sua redenção”. Como tais pessoas retornaram nos dias seguintes, manifestando o desejo de que ele orasse com elas, orientando-as em como “fugir da ira vindoura”, Wesley estabeleceu as quintas-feiras como o dia da semana em que tais pessoas se reuniram para receber suas instruções e conselhos. Assim, surgiram as sociedades unidas dos metodistas.

Na definição de Wesley, essas sociedades eram “a companhia de homens (e mulheres) que guardam a forma e buscam o poder da santidade, unidos para orar juntos, receber a palavra de exortação e velar uns pelos outros em amor, para que possam mutuamente ajudar-se na obtenção de sua salvação”.

Na Conferência Anual de 1744, Wesley e seus companheiros concordaram que os membros das sociedades metodistas deveriam demonstrar com frutos práticos o desejo de alcançar sua salvação. Os frutos de uma vida de santidade deveriam se expressar na renúncia ao pecado e na busca e prática das virtudes cristãs, tanto na vida pessoal como na vida social. Para tornar isso possível, foram estabelecidas as Regras Gerais dos metodistas.

As atas da Conferência Anual de 1744 deixam claro que as Regras Gerais foram estabelecidas para fortalecer a prática da espiritualidade metodista. Prática esperada das pessoas que, com “corações verdadeiramente despertados”, estavam decididamente comprometidas com a vida de disciplina espiritual comunitária das sociedades metodistas. De todos os membros era esperada a participação constante e disciplinada nos pequenos grupos das classes e dos “bands”. Nos seus encontros semanais, era verificada a situação espiritual de cada um, inclusive quanto ao cumprimento de seus deveres materiais e financeiros para com os pobres e o sustento da obra das sociedades metodistas. Somente uma pessoa metodista poderia se submeter voluntariamente a tal espiritualidade. Trimestralmente era renovada ou não a participação da pessoa na sociedade metodista, por meio da avaliação de sua prática cristã. A quebra recorrente da disciplina comunitária levava à exclusão. A disciplina era a concretização de duas máximas freqüentemente mencionadas por Wesley: “O Cristianismo é uma religião prática” e “O Cristianismo é essencialmente uma religião social”.

A busca de uma vida de santidade bíblica se fazia na realidade da Inglaterra daqueles dias. Os membros das sociedades metodistas eram confrontados por situações concretas que desafiavam o seu intuito de “reformatar a nação, de modo particular a Igreja, e espalhar a santidade bíblica por toda a terra”. Wesley, como homem de seu tempo, não possuía uma compreensão quanto às relações estruturais presentes em qualquer prática social. Essa forma de compreensão da vida humana ainda estava em gestação na sua época. Sua visão da vida era empírica, fragmentada e individual. Entretanto, como profundo observador da vida cotidiana, pôde constatar certas relações causais que o ajudaram a libertar-se de erros graves comuns em seus dias, tais como o individualismo, o quietismo, o antinomianismo, o entusiasmo e o ritualismo.

As Regras Gerais foram elaboradas para ajudar os primeiros metodistas a responder aos desafios de seu tempo. Desde então, os metodistas consideram-nas como marcas que, de acordo com os ensinamentos de Deus, principalmente expostos nas Escrituras Sagradas, os ajudam a viver e testemunhar publicamente a sua fé em cada época.

As Regras Gerais foram estabelecidas em três princípios:

1. Não praticar o mal, evitando os males de toda sorte, de modo especial aqueles que geralmente são praticados;
2. Praticar o bem, sendo sempre misericordioso conforme suas possibilidades, em todas as oportunidades, praticando todo tipo de bem, tanto quanto possível, a todas as pessoas e a seus corpos e almas, especialmente aos "domésticos da fé";
3. Observar diligentemente todas as ordenanças de Deus quanto à vida de piedade pessoal e comunitária.

Os dois primeiros princípios têm a ver com as obras de misericórdia. O terceiro, com as obras de piedade. Mais uma vez Wesley reafirmava sua visão integral holística da vida cristã; o amor ao próximo inseparavelmente ligado ao amor a Deus; crescer em santidade no amor de Deus e ao próximo em atos de piedade e misericórdia, e avançar rumo à perfeição cristã, ao perfeito amor.

Ao advertir contra a prática do mal, as Regras Gerais se ocupam de práticas que têm a ver com a relação com Deus, com o próximo e da pessoa consigo mesma. Essas três dimensões da vida humana, entretanto, estão intimamente interligadas. Os escritos de Wesley evidenciam sua observação integral da vida, pois:

1. Não se devia tomar o nome de Deus em vão, não somente porque a Bíblia assim ordenava, mas porque realmente o nome de Deus era pronunciado em conversações nas quais não havia caridade para com o próximo e que não produziam proveito mútuo.
2. Não se devia profanar o dia do Senhor, não só por cau-

sa do mandamento divino, mas também porque muitas vezes a profanação se fazia pela exploração do trabalho do próximo, privando-o do descanso e da oportunidade de prestar culto ao Senhor, e por meio de compras e vendas desonestas e fraudulentas, nas quais a usura (prática de juros extorsivos e agiotas) e a ganância eram a rapina dos mais pobres ou dos mais fracos.

3. Não se devia embriagar com a ingestão de bebidas destiladas (Wesley usou nas Regras Gerais a expressão restritiva *spitirnos liquors*, usada em inglês para bebidas destiladas como uísque e gim) não só por causa dos danos pessoais, como também porque dava ocasião a brigas, alterações em alta voz e violência contra o próximo, e a divertimentos que não podiam ser praticados no espírito de Cristo, o que era contrário à glória de Deus.

4. Não se devia vender e comprar bebidas destiladas porque ademais do contribuir para a desgraça pessoal dos viciados, sua produção era o resultado da ocupação da terra por uma agricultura que dava a seus proprietários ricos lucros com os negócios de exportação de animais de montaria para a nobreza e de cereais para produção de bebida destilada. Ao mesmo tempo, não produziam alimentos para saciar a fome, especialmente dos mais pobres, mantendo-os famintos, aprisionados em sua miséria e inconscientes de sua dignidade de seres criados para glória de Deus.

5. Não se devia usar jóias e roupas de elevado preço para não se cair nas faltas da vaidade e presunção pessoais e da humilhação dos pobres. E também porque, na maioria das vezes, tais ostentações eram o resultado do amor às riquezas (ajuntar tesouros na terra), o que levava à usura e à exploração do próximo, a tudo aquilo que negava o amor de Deus.

Ao advertir quanto à prática do bem, Wesley, em suas Regras Gerais às sociedades metodistas, recuperou a ética do Sermão da Montanha (um dos principais fundamentos bíbli-

cos da teologia de Wesley, cf. *Standard Sermons*) e a prática da santidade pessoal e comunitária da Igreja Primitiva. Novamente, a visão de Wesley sobre a vida é integral, pois:

1. Tomar a cada dia a sua cruz implicava, para os membros das sociedades metodistas, ser misericordioso, praticando tanto quanto possível toda sorte de bem, segundo todas as suas possibilidades, para com todas as pessoas, e em todas as oportunidades;

2. Fazer o bem a todas as pessoas por amor ao Evangelho de Cristo, enfrentando toda sorte de perseguição por causa da justiça de Deus, implicava, necessariamente, praticar atos de misericórdia e justiça em favor dos pobres, dos doentes e dos encarcerados, segundo a capacidade que Deus dá, tanto em suas necessidades físicas, buscando responder concretamente aos seus clamores, bem como em suas necessidades espirituais, exortando-os a buscarem a salvação para as suas almas;

3. Praticar o bem tanto quanto possível para pisar debaixo dos pés a diabólica doutrina dos entusiastas que diziam: "Não devemos praticar o bem a não ser que nossos corações o desejem". Rejeita-se, assim, qualquer doutrina ou ensinamento que despreze a necessidade da prática das boas obras por parte daqueles que buscam a perfeição cristã;

4. Ao usar de toda diligência e modéstia possíveis para que o Evangelho não seja envergonhado, os membros das sociedades metodistas eram conclamados a assumir uma firme posição nas lutas sociais em favor da libertação dos escravos (tanto na América do Norte como na Europa), em favor de uma agricultura voltada para a produção de alimentos para os pobres, em favor da educação das crianças pobres das ruas de Londres (com as escolas dominicais de Robert Raikes), e em favor da criação de formas alternativas de geração de renda para os desempregados;

5. Ao fazer o bem dos domésticos da fé, os membros das sociedades metodistas reafirmavam a convicção de que a co-

munidade cristã, com atos de misericórdia em favor dos irmãos e das irmãs, demonstra o amor gracioso de Deus. Amor manifesto em Jesus Cristo e experimentado em suas vidas, mediante a ação do Espírito Santo.

Ao advertir os membros das sociedades metodistas quanto à prática das ordenanças divinas, as Regras Gerais os conclamavam a embasar sua prática social de não fazer o mal e de fazer o bem em um forte compromisso com a prática dos atos de piedade. A espiritualidade social devia ser nutrida e fortalecida pela piedade pessoal e comunitária, pois:

1. Ao observar a prática das obras de piedade, os membros das sociedades metodistas reconheciam a importância tanto da espiritualidade pessoal como da comunitária; uma reforça e enriquece a outra; uma não pode existir sem a outra. A vida espiritual em secreto só tem sentido quando manifestada publicamente; a vida de adoração pública só tem credibilidade quando é a expressão de uma verdadeira busca pessoal da vida de santidade.

2. Ao observar os preceitos de Deus quanto à participação consciente no culto público, sujeitando-se aos ensinamentos, às admoestações e às exortações da Palavra de Deus, e participando tanto quanto possível o sacramento da Ceia do Senhor (que testemunha publicamente a comunhão com Deus e com todo o Seu povo), os membros das sociedades metodistas expressavam sua adesão à Igreja "*una, sancta, catholica et apostolica*", reconhecendo que sua experiência de fé fora despertada, nutrida e transmitida pelo testemunho fiel (tradição) aos cristãos que os antecederam;

3. Ao observar os preceitos e as ordenanças divinas quanto à vida de oração, no contexto da família e em particular, ao estudo diligente e constante das Escrituras Sagradas, e à prática do jejum e da abstinência, os membros das sociedades metodistas expressavam sua convicção de que a vida sacra-

mental e litúrgica só tem credibilidade quando manifesta externa e objetivamente a experiência pessoal advinda do testemunho interno do Espírito Santo.

Como cristãos metodistas, herdeiros espirituais do avivamento wesleyano na Inglaterra do século XVIII, somos chamados nos dias de hoje a nos posicionar de maneira clara e definida contra toda sorte de males que aviltam a vida. Os males que hoje arrastam pessoas e grupos sociais para a sua destruição são expressões concretas da realidade do pecado humano tanto pessoal como social.

Assim como Wesley em seu tempo, ao buscarmos nos dias de hoje uma vida de santidade para nós e para as outras pessoas, devemos enfrentar decididamente os graves erros que constatamos em nossa realidade. Quando nos achamos confrontados pelas grandes necessidades e desafios missionários de nosso tempo, devemos, à luz das Escrituras Sagradas, fazer uso dos meios colocados por Deus à nossa disposição para entender os seus propósitos como eles são n'Ele mesmo. Pela tradição da Igreja, experiência pessoal e comunitária, razão e criação, somos chamados a viver e testemunhar a santidade da vida.

A prática das Regras Gerais pelo povo chamado metodista não pode e não deve ser de forma legalista e literalista; ou, nas palavras de Wesley, "farisaica". O farisaísmo tem feito um mau e perverso uso das Regras Gerais. Temos muitas vezes nos esquecido do espírito vivo que as motivou e ficado aprisionados em sua letra morta. As Regras Gerais foram estabelecidas para ser a expressão prática e eficaz de um Cristianismo vivo; não foram feitas para ser um cabresto de pecadores atormentados, mas, sim, o testemunho de vidas libertadas pela graça de Deus.

As advertências das Regras Gerais contra a prática do mal e em favor do bem em seu espírito têm muito a ver com a nossa realidade brasileira. Se a cultura em nossa sociedade

manifesta contraditoriamente sinais de vida e morte, testemunhar e viver a santidade da vida requer um confronto aberto e resoluto contra os valores negativos em todas as dimensões da existência humana em particular e da natureza em geral. Por outro lado, devemos nos comprometer firmemente com os valores que refletem e manifestam o Reino de Deus em nossa realidade.

A existência dos atuais sinais de morte deve-se principalmente à falta de valores espirituais, éticos e morais que dignificam a vida. Os valores hoje amplamente difundidos na sociedade brasileira produzem muita dor, sofrimento e morte:

1. corrompendo a sociedade e as pessoas, incitando-as ao egoísmo, ao individualismo, à falta de solidariedade, ao consumismo predador, à permissividade e ao comodismo;

2. levando as pessoas, individual e coletivamente, à alienação de si mesmas, do seu semelhante, da natureza e da transcendência, especialmente pelos meios de comunicação de massa;

3. considerando como importante o que pode ser alcançado por dinheiro; valorizando o lucro fácil e a vantagem pessoal imediata para se alcançar o prestígio e a fama; e mercantilizando a existência humana e o seu habitat;

4. convertendo todos os aspectos da existência humana e da natureza em mercadorias submetidas à lei da oferta e da procura. A idolatria e a superstição reforçam cotidianamente o domínio do Mammon, inclusive e principalmente pela religião.

5. As “Teologias da Prosperidade”, tão em voga dentro e fora dos meios cristãos, desde as obras “best-sellers” ocultistas do “mago” Paulo Coelho à pregação dos televangelistas como Edir Macedo, RR Soares e Valnice Milhomens, usam diferentes retóricas e dialéticas, e são um exemplo claro da alienação religiosa que o sistema de mercado procura impor à sociedade. Tais “teologias” (que freqüentemente ridicularizam a verdadeira “sabedoria de Deus”) escravizam milhões de pessoas numa busca egoísta por bem-estar.

Essas “teologias” são, por assim dizer, a outra face da

moeda do enriquecimento fácil e ilícito do binômio “azar-sorte” da jogatina reinante hoje no País e mantida pelo Estado corrupto, explorada avidamente pelas duas maiores redes de televisão, e impondo-se pela violência em nossos centros urbanos pela aliança sinistra do centenário “jogo do bicho” com a indústria do narcotráfico e dos seqüestros intermináveis.

Como teologizar sobre o direito divino de “tomar posse” de forma individualista de bens materiais quando milhões de pessoas no Brasil são propositalmente excluídas e condenadas à miséria, à fome e à morte pela diabólica economia de mercado? Como ser “próspero” segundo os valores deste mundo quando no Brasil se vive na mais perversa sociedade de todo o mundo em termos de concentração de riquezas e de propriedades?

Para enfrentar tais sinais de pecado e morte com o poder da vida ressurreta de Jesus, se faz necessária uma forte espiritualidade missionária comprometida com a vida. O que se requer hoje é um compromisso com a santidade da vida no cotidiano das pessoas, a fim de permitir o irromper dos valores do Reino de Deus em meio à nossa realidade. Sob a ação poderosa do Espírito Santo, nossa capacidade de observar a realidade e refletir sobre ela, aliada ao testemunho da tradição bíblica e eclesial, ajudada por nossa experiência pessoal, pode muito bem nos ajudar a discernir, como Wesley o fez em seu tempo, a forma e o poder da verdadeira santidade necessária aos nossos dias.

Como Wesley, mediante a unção do Espírito Santo, precisamos reescrever hoje os aspectos práticos das Regras Gerais com os olhos bem abertos aos pecados pessoais e sociais de nossa realidade, e com os ouvidos bem atentos ao clamor de quem, a exemplo dos pobres trabalhadores das minas de carvão da Inglaterra e dos escravos africanos na América e na Europa, espera o testemunho corajoso dos filhos e filhas de Deus, chamados *metodistas*.

Se, como metodistas, estamos “convencidos profundamen-

te de nossos pecados, aspirando ansiosamente por nossa redenção"; se estamos decididos a fazer tudo o que nos é possível para "reformatar a nação, de modo particular a Igreja, espalhando a santidade bíblica sobre a terra"; e se estamos comprometidos com a busca de uma vida de santidade, inspirada nos princípios básicos das Regras Gerais, temos que nos perguntar com tremor e temor:

1. Como devemos não praticar os males pessoais e sociais geralmente praticados em nossa sociedade, inclusive pelos religiosos, à luz da realidade de hoje?

2. Como devemos praticar o bem, tanto pessoal como socialmente, sendo sempre misericordiosos conforme nossas possibilidades, em todas as oportunidades fazendo todo o tipo de bem, tanto quanto possível, a todas as pessoas, a seus corpos e suas almas, especialmente aos domésticos da fé, à luz da realidade de hoje ?

3. Como devemos observar diligentemente todas as ordenanças de Deus quanto à vida de piedade pessoal e comunitária, à luz da realidade de hoje?

Estudo Bíblico 3

BÍBLIA E RAZÃO

Introdução: uma fé inteligente

Dentro da seriedade teológica de João Wesley estava o caráter fundamental da razão. Nós não cremos cegamente; há uma racionalidade em nossa fé. Para João Wesley, a fé cristã é absolutamente simples e perfeitamente compreensível. Assim, no quadrilátero wesleyano, a razão é de vital importância.

Refletir sobre este elemento, biblicamente, é uma exigência da fé e de nossa tradição wesleyana. A Bíblia como um todo é um depósito de pérolas preciosas da sabedoria de Deus. Há na Bíblia um gênero literário dedicado à reflexão e ao ensino, o conhecido gênero sapiencial. Ele é fruto da reflexão simples do povo nas situações diversas da vida. O livro de Jó, já aqui citado, é um exemplo típico do gênero sapiencial, abordando o sofrimento à luz da vida desse homem.

O livro de Provérbios ilustra, em sua introdução, como a reflexão é necessária à compreensão da vida e ao conhecimento de Deus: "Provérbios de Salomão, filho de Davi, o rei de Israel. Para aprender a sabedoria e o ensino; para entender as palavras de inteligência; para obter o ensino do bom proceder, a justiça, o juízo e a equidade; para dar aos simples prudência e aos jovens, conhecimento e bom siso. Ouça o sábio e cresça em prudência; e o instruído adquira habilidade para entender provérbios e parábolas, as palavras e enigmas dos sábios. O temor do Senhor é o princípio do saber, mas os loucos desprezam a sabedoria e o ensino" (Pv 1.1-7). O livro

nos convida a nos aplicarmos a aprender, a entender com inteligência, visando a alcançar bom procedimento, juízo, justiça e equilíbrio. Vivemos um tempo no qual o povo adere facilmente a modismos, sem maior reflexão ou senso crítico.

A sociedade capitalista manipula as massas, criando, com a propaganda, padrões e necessidades irreais para a vida humana e que não resistem a um exame crítico.

Esta tendência da sociedade secular, de absorver modismos sem qualquer senso crítico, sem racionalidade, ocorre em muitos movimentos religiosos contemporâneos, do mesmo modo como empresários que vendem produtos inúteis manipulam o inconsciente coletivo das massas. Existem fabricantes de religião enriquecendo à custa da carência e da necessidade do povo. Multiplicam-se no Brasil religiões e práticas místicas que não resistem a uma análise inteligente e crítica. Neste horizonte, nós, metodistas, precisamos proclamar o Evangelho com inteligência, respeito humano e senso de justiça. O elemento *razão* no quadrilátero wesleyano nunca foi tão necessário.

Em função do exposto acima, gostaríamos de considerar o elemento *razão* à luz de alguns outros exemplos bíblicos.

Jesus: um ensino que convida à racionalidade

Todo o ministério de Jesus é marcado profundamente pelo ensino simples, inteligente e racional. Jesus conseguia passar a sabedoria de Deus com os elementos essenciais da vida. Quando os fariseus e saduceus tentavam colocá-lo em situação embaraçosa diante do povo, Jesus introduzia um novo conceito na sua costureira dialética de responder com perguntas às questões ardilosas colocadas por eles. Exemplo disto foi a mulher apanhada em adultério e trazida à sua presença. A lei determinava o apedrejamento. Jesus convida o povo à reflexão com a famosa frase: "Aquele que dentre vós estiver sem pecado seja o primeiro que lhe atire a pedra" (Jo 8.7). Jesus respondeu inteli-

gentemente aos religiosos. Ele ensinou o perdão e a misericórdia ao povo que assistia ao episódio e também orientou a mulher a uma nova vida, perdoada e justa. Esse episódio do ministério de Jesus nos mostra como uma palavra racional, sensata e amorosa cessa a ira e a malícia dos adversários.

Por outro lado, Jesus também usou a estratégia de ensino que conhecemos como parábolas; elas são exemplos da vida diária, dos quais são extraídos os ensinamentos do Reino de Deus, sem apelar, necessariamente, ao místico, ao intangível.

Precisamos aprender com Jesus a expor com simplicidade e racionalidade as verdades do Evangelho. Os ensinamentos de Jesus passaram normalmente pelo método simples e racional; os atos sobrenaturais foram sempre as exceções. Precisamos ter cuidado para não incorrer na tentação de transformar a exceção em regra. Há, hoje, em nosso meio, a busca do aprendizado por sonhos, visões, revelações, e tantas outras experiências reais, sim, mas que consistem no extemporâneo da pedagogia de Deus. A linguagem normal de Deus, o modo cotidiano com que Ele fala é o da racionalidade, do toque suave na nossa consciência, ou ainda dos ensinamentos inteligentes e permanentes da sua Palavra.

Por outro lado, nós freqüentemente nos recusamos a pensar no agir contínuo de Deus porque, como os contemporâneos de Jesus, temos uma concepção estratificada, consolidada quanto ao que deve ser Deus e como Ele deve agir. Podemos dizer que essas atitudes fechadas são também fuga para não pensar, uma recusa em manter uma janela aberta para absorver e refletir o novo de Deus.

Entre a sabedoria de Deus e a dos homens (1Co 1.18-29)

Paulo, ao escrever aos coríntios, enfrentou conceitos filosóficos grego-romanos profundamente interiorizados. Não bastava entusiasmo. Ele precisava ser capaz de apresentar o argumento da fé cristã, da cruz, de modo inteligível, com eficácia.

No texto citado, Paulo não se recusa a abordar a questão considerada, tanto por gregos como judeus, absurda e polêmica: a cruz. A tese de Paulo é a de um Deus crucificado, e ele demonstra, com resultado lógico, que esta fé tem eficácia, que o poder de Deus produz resultados (1Co 1.20).

Precisamos de cristãos capazes de enunciar sua fé com racionalidade e inteligência, de diferentes formas. Precisamos conhecer o que pensa o mundo em que vivemos, ter domínio da Bíblia e articular nosso pensamento com as necessidades das pessoas, à semelhança de Paulo.

Paulo não renunciou à razão, mas a tomou cativa da direção do Espírito, conforme ele mesmo diz: “Sim, deveras considero tudo como perda, por causa da sublimidade do conhecimento de Cristo Jesus, meu Senhor; por amor do qual perdi todas as coisas e as considero como refugo, para ganhar a Cristo” (Fp 3.8). Assim, é fundamental o equilíbrio entre a reflexão séria, fruto do estudo e da pesquisa, e a sujeição absoluta ao mover do Espírito.

Atos dos Apóstolos: mensagem e poder

No livro de Atos dos Apóstolos há um agir de Deus. O Pentecostes atualiza a presença de Jesus no seio da comunidade. Mas todos os atos inéditos são cercados de uma característica racional: havia um fim proveitoso. Hoje nos assustamos com relatos contados como atos de Deus, mas que não produzem um fim proveitoso, ou seja, não produzem conversão, misericórdia e justiça.

Um exemplo é o dom da diversidade de línguas, ocorrido no dia de Pentecostes. Foi um milagre que produziu entendimento, haja vista o depoimento das testemunhas: “Como os ouvimos falar em nossas próprias línguas as grandezas de Deus?” (At 2.11).

Outro exemplo foi o Concílio de Jerusalém (At 15). Havia um sério problema na prática da missão. Os radicais ju-

deus exigiam que os gentios fossem circuncidados. Paulo e Barnabé discordavam. Subiram todos a Jerusalém e, em meio ao debate inteligente e orientado pelo Espírito Santo, encontraram uma solução sensata.

Assim, podemos afirmar que toda a Bíblia é uma revelação constante de Deus, que convida à reflexão inteligente, confrontando o falar e o agir de Deus com o nosso cotidiano.

Questões para refletir

- 1) Como transmitimos nossas experiências de fé? Há nelas um exercício de racionalidade? Inteligibilidade?
- 2) Podemos dizer que nossas expressões religiosas são compreensíveis aos não iniciados?
- 3) O que podemos fazer para atuar com maior consciência e racionalidade na missão?

AS MARCAS METODISTAS E A AÇÃO MISSIONÁRIA DA IGREJA

Introdução

No processo de montagem das primeiras linhas do Planejamento Nacional da Igreja Metodista, na primeira reunião, realizada em Nova Almeida, ES, em junho de 1990, por ocasião do Retiro dos Bispos da Igreja Metodista, o saudoso bispo Isac Alberto Aço ressaltou: “Nossa Igreja, no momento, não precisa de mais documentos... Eles são ricos, dinâmicos, atualizados e, especialmente, são esclarecedores sobre o posicionamento do povo chamado metodista em termos do seu compromisso histórico e contemporâneo”. Mas acrescentou: “Igualmente, necessitamos operacionalizar os documentos que temos em um Planejamento Nacional que envolva o compromisso da ação missionária da Igreja Metodista em terras brasileiras”.

Na verdade, as marcas e a ação missionária da Igreja estão registradas nos documentos produzidos pela Igreja Metodista por meio dos Concílios Gerais, Pastorais dos Bispos, Pronunciamentos do Colégio Episcopal e outros. Neste sentido, as marcas referenciais deverão passar pela proposta de vida e missão da nossa comunidade de fé e serviço. Isto implica dizer o seguinte: os documentos missionários da Igreja Metodista deverão, necessariamente, estar comprometidos com o nosso fazer missionário, a fim de que a identidade metodista realize a nossa obediência incondicional ao Evangelho na perspectiva do Reino de Deus.

Marcas e compromissos significativos da ação missionária

1. Obediência incondicional ao mandato missionário do Senhor Jesus Cristo como prioridade principal da ação da Igreja Metodista. Ressalta-se, aqui, o enfoque do Planejamento Nacional: "A razão de ser da Igreja é ser missionária. Somente a missão justifica sua presença no mundo..." Igualmente, o Colégio Episcopal, sensibilizado pelo sopro do Espírito Santo à Igreja, destaca: "Reafirmamos que não há outro caminho para a Igreja Metodista em nosso Brasil de hoje, senão o de ser uma Igreja missionária, voltada para as necessidades do povo, como sinal do amor e do poder de Deus. Para isso, devemos reconhecer que, assim como o povo de Israel, nós temos negligenciado a real missão que Deus nos tem dado. Quando isso ocorria com Israel, Deus levantava profetas, que convocavam o povo ao arrependimento e ao retorno a Deus. E, quando o povo se arrependia, era restaurado na presença de Deus e experimentava alegrias e bênçãos. Queremos, como bispos e profetas, convocar o povo ao arrependimento e quebrantamento, reconhecendo que os resultados de nosso ministério, embora em muitos momentos significativos, estão ainda distantes do que Deus pode e deseja fazer em nosso meio".

1.1. Esta obediência à missão de Jesus Cristo só tem sentido numa resposta, também incondicional, Àquele que envia. Na verdade, não basta apenas receber a missão, condicioná-la e empacotá-la. É necessário comunicá-la e animá-la em obediência. O Espírito Santo foi dado para essa obediência (At 1.8). A obediência, sob a ação do Espírito Santo, é fundamental ao cumprimento da missão. Prioritária e missionária, ela decreta e sepulta a auto-suficiência. A missão, pois, exige uma abertura ao sopro do Espírito Santo que vela pela Igreja, como Corpo de Cristo vivo e em ação, atualiza o seu ministério e aponta para além das fronteiras comuns da

igreja local. Este é o desafio contundente, pois uma Igreja enredada e presa em si mesma perde a razão de ser. A Igreja só existe no ato de missão. Se a missão está ausente, ausentes estão, também, o conceito e a noção de Igreja. Neste sentido, todas as forças de todos os fiéis deverão ser aglutinadas, objetivando o cumprimento da missão, razão de ser da Igreja. A missão é a vida da comunhão eclesial, especialmente a partir da dinâmica de uma Igreja, comunidade missionária a serviço do povo.

1.2. Evidentemente, a experiência incondicional no Espírito Santo envolve a graça de Deus na experiência pessoal e comunitária. No contexto metodista, a dimensão da graça perpassa todos os segmentos da vida. Os metodistas proclamam: “a graça divina é o fundamento de toda revelação e ação histórica de Deus e é manifesta de forma preveniente, justificadora e santificadora”.

1.3. A experiência da graça também recoloca no chamamento metodista uma profunda paixão missionária, que consiste na proclamação do amor de Deus de forma totalizadora, ou seja, a proclamação de Jesus Cristo como Senhor e Salvador. Daí o desafio missionário dos metodistas: “O mundo é a minha paróquia”.

2. A excelência da santificação como força motivadora (mística) para a ação missionária da Igreja. Vivemos uma espiritualidade que expressa a “dimensão vertical”, pela participação na Ceia do Senhor, leitura e estudo devocional da Bíblia, prática da oração e do jejum, participação nos cultos, etc. E também a “dimensão horizontal”: solidariedade ativa junto aos pobres, necessitados e marginalizados de toda sorte, isto é, a aproximação de cada um e de todos, perante Deus, juntamente com o serviço e proclamação voltados às pessoas e à comunidade. Uma espiritualidade que seja fé em ação. Quem diz “andar no Espírito” deve mostrar, na prática, os frutos dele, e quem busca um Evangelho libertador deve viver, pessoal e comunitariamente, a experiência do Espírito.

O reestudo criterioso da revelação de Deus, contida nas Escrituras, aliado à experiência da Igreja contemporânea, deve nos conduzir a uma espiritualidade comprometida, autêntica e equilibrada. A vida de oração, meditação da Palavra, jejum com a unção do Espírito são condições fundamentais para a vivência da piedade, santificação, comunhão e unidade e da prática da misericórdia e da solidariedade.

3. A consolidação do caráter ministerial de toda a Igreja (sacerdócio universal de todos os crentes). Isto implica dizer que o “modo de ser Igreja é ministerial, no dinamismo dos Dons e Ministérios”. É fundamental a compreensão desse desafio para a Igreja Metodista hoje. “Dons e Ministérios não é um programa para que o abandonemos por outro que pareça mais eficiente... é um movimento... fruto da ação do Espírito Santo no interior da Igreja; na verdade, um movimento nascido a partir do Pentecostes no seio da Igreja Primitiva”.

3.1. Os ministérios leigo e pastoral são de fundamental importância, completando-se mutuamente, partindo das igrejas locais e nelas vocacionados e sustentados buscando o aperfeiçoamento da Igreja ministerial e da Igreja de todas as pessoas chamadas por Deus. A Igreja é, pois, todo o seu povo em ação, atualizando os ministérios de Jesus Cristo no mundo. O ministério pastoral é relevante para equipar e aperfeiçoar os demais ministérios no desempenho da missão.

4. Relevância da igreja local como o nascedouro da proposta missionária da Igreja. Está claro que o grande espaço da ação dos “Dons e Ministérios” é a igreja local, com suas tremendas possibilidades e desafios ministeriais. O Plano para a Vida e Missão da Igreja destaca: “Há necessidade de conhecer a igreja local, descobrir suas possibilidades, seus dons e valorizar seus ministérios para alcançar a participação do povo na missão de Deus”. Nessa perspectiva, a igreja local é uma unidade de muita importância no sistema eclesial metodista.

Na realidade, o nascedouro da prática de Dons e Ministérios é essa comunidade. Assim sendo, a igreja local existe para a missão, isto é, para o serviço. "A missão acontece quando a igreja sai de si mesma, envolvendo-se nas realidades atuais e tornando-se instrumento da novidade do Reino de Deus".

É bom recordar, aqui, que o 14º Concílio Geral da Igreja Metodista promoveu uma mudança substancial na estrutura eclesial, partindo de uma ampla valorização da igreja local e envolvimento de seus membros em todas as decisões da nossa comunidade de fé e serviço. Destacam-se, por exemplo, algumas delas: a Igreja poderá organizar-se dentro de suas reais necessidades à luz da configuração de Dons e Ministérios; a igreja local escolhe seu pastor ou pastora tendo em vista suas necessidades ministeriais; a igreja local se faz presente nas áreas ministeriais; a igreja local envia no mínimo um representante (delegado ou delegada) ao Concílio Regional; a igreja local envia um candidato ou candidata para a eleição ao Concílio Geral da Igreja Metodista; a igreja local também participa do processo de eleição de bispos e episcopisas da Igreja Metodista dentro das orientações canônicas. Nesta nova configuração da igreja local, há infinitas possibilidades de flexibilidade e criatividade na organização do planejamento ministerial.

Gostaria, entretanto, de ressaltar aqui algumas interpretações distorcidas neste novo momento na caminhada da igreja, no que se refere à valorização da igreja local.

4.1. Valorizar a igreja local não significa que esta possa ou tenha o direito de mudar as doutrinas e costumes da Igreja Metodista. Organiza-se, assim, a partir da riqueza doutrinária do "povo chamado metodista". Dentre os elementos fundamentais da unidade metodista, encontramos: "O Metodismo baseado nas Sagradas Escrituras aceita, completa e totalmente, as doutrinas fundamentais da fé cristã, enunciadas nos credos

promulgados pelos Concílios da Igreja dos primeiros quatro séculos da Era Cristã. Esta aceitação se traduz, na vida do crente, na prática cotidiana do amor a Deus e ao próximo (Jo 13.34-35; Dt 6.5), como resposta à graça de Deus revelada em Jesus Cristo. Ela se nutre na autêntica vida de adoração ao Senhor e de serviço ao próximo (Jo 4.41-44). De forma alguma o Metodismo confunde a aceitação das doutrinas históricas do Cristianismo com as atitudes doutrinárias intelectualistas e tradicionalistas, nem com a defesa intransigente, fanática e desamorosa da ortodoxia doutrinária. 'No essencial, unidade, no não-essencial, liberdade; em tudo, caridade' (Jo 17.20-23)". (Cânones da Igreja Metodista, p. 73).

Somam-se também a esta referência os Artigos 1º, 2º e 3º dos referidos Cânones da Igreja Metodista. Na verdade, há uma grande responsabilidade de toda a comunidade metodista. Bispos, episcopisa, pastores e pastoras, leigos e leigas devem pautar-se pelos princípios metodistas e por seus valores doutrinários objetivando caminhar em unidade na diversidade.

4.2. Valorizar a igreja local não significa uma mudança do sistema conexional (expresso no governo episcopal) para o congregacional. A mudança ocorrida no 14º Concílio Geral da Igreja Metodista, valorizando, com todo o direito, a comunidade local, não significa que a Igreja tenha alterado o seu sistema de governo episcopal. Nossa Igreja Metodista não tem vocação congregacionalista. Na realidade, esse posicionamento fere, significativamente, toda a proposta de trabalho histórico do Metodismo, que é conexional.

Nos *elementos fundamentais da unidade metodista*, observamos: "O Metodismo afirma que o sistema conexional é característica fundamental e básica para sua existência, tanto como movimento espiritual, quanto como instituição eclesiástica (Ef 1.22-23). Deus lhe deu essa forma de articulação unificadora para cumprir a vocação histórica de 'refor-

mar a nação, particularmente a Igreja, e espalhar a santidade bíblica sobre toda a terra' (Wesley; At 17.4-6; Jo 17.17-19)".

A Igreja Metodista funciona num sistema conexional, isto é, desenvolve seus trabalhos espirituais e institucionais envolvida por um clima unificador. Esta é uma filosofia histórica em nossa Igreja Metodista, muito pouco conhecida e com tendência muito acentuada a descaracterizar-se, na hora presente, por falta de entendimento de nossa proposta de trabalho. O sistema conexional nada mais é do que uma relação de interdependências que envolve as igrejas metodistas num planejamento unificador e de ajuda mútua, pautado pela verdadeira solidariedade ministerial. Nessa dimensão conexional, cabe ao governo Episcopal dar dinâmica à coordenação da Igreja, visando, principalmente, ao cumprimento da missão e à preservação da unidade eclesial.

4.3. Valorizar a igreja local não significa considerar que o pastor ou pastora é patrimônio exclusivo da igreja local. O pastorado metodista precisa, cada vez mais, converter-se à dimensão missionária. O pastorado, mesmo no processo de negociação, não pode comprometer o seu chamamento vocacional em termos de fidelidade irrestrita a Deus. Na realidade, esse chamado é abrangente, desafiador e vai além das fronteiras das igrejas locais. O exemplo do organizador do Metodismo é extremamente enriquecedor: "O mundo é a minha paróquia". Esse processo de conscientização é muito importante para as igrejas locais, no que se refere à prática da conexidade metodista em termos ministeriais.

4.4. Valorizar a igreja local não significa isolamento, individualismo e competição com as demais igrejas locais. Temos que evitar essas tentações existentes em muitas comunidades locais. Esse modo de agir revela imaturidade, falta de consciência de uma ação missionária nos parâmetros estabelecidos por Jesus Cristo no seu mandato missionário: "Ide, portanto, e fazei discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai, do Fi-

lho e do Espírito Santo e ensinando-os a observar tudo quanto vos tenho ordenado. E eis que estou convosco todos os dias, até à consumação dos séculos” (Mt 28.18-20). Particularmente, não podemos aceitar uma Igreja Metodista egoísta. Este princípio fere o Evangelho e, conseqüentemente, aquilo que a Igreja Metodista propõe em termos de sua visão ministerial. Portanto, é um pecado grave e com implicações seríssimas no processo de unidade interna e externa da Igreja. Todos os recursos existentes na comunidade local – humanos, financeiros, patrimoniais, técnicos, materiais, etc. – têm que estar, invariavelmente, a serviço da missão. Não podemos, também, admitir, numa mesma cidade, igrejas vivendo de forma isolada das demais, ou seja, no “seu mundinho”, sem perceber as necessidades e carências de suas igrejas irmãs, dentro do compromisso missionário de uma comunidade missionária a serviço do povo. Isto tem contribuído para o enfraquecimento de nossa ação missionária mais corajosa na comunidade. Neste sentido, temos que confessar nossa omissão.

4.5. Finalmente, valorizar a igreja local implica dar-lhe o seu verdadeiro espaço (nascidouro da proposta missionária), ou, ainda, dar-lhe expressividade missionária e conexional em termos de co-responsabilidade de vida e missão. Não é possível admitir pessoas leigas e clérigas em ministérios sem envolvimento na comunidade local em termos de testemunho e serviço.

5. Compromisso com a realidade brasileira, no contexto cultural, social e econômico. “Continuarmos a exercer o ministério profético, de anúncio e edificação dos sinais do Reino de Deus e de denúncia e demolição das evidências da morte. Sendo fiéis à inclinação do Espírito Santo, sentimos que Ele nos leva ao compromisso com a luta pela justiça, tornando-nos solidários com os pobres e oprimidos, enfim, todos os que, discriminados pela presente ordem política e econômica, sofrem, e seu clamor transforma-se na voz do

Espírito a nós. Conscientes que, se por um lado estamos molestando os centros de poder e os poderosos, por outro lado estamos sendo obedientes a Deus.”

O projeto missionário da Igreja Metodista, especialmente a partir do conceito de Igreja, comunidade missionária a serviço do povo, precisa, invariavelmente, passar pelo compromisso com a realidade brasileira. Assim sendo, são relevantes as palavras do Revmo. Bispo Paulo Ayres Mattos:

“Tal projeto deve manifestar a vontade de toda a Igreja. Tal projeto não pode e não deve ser mono-político, autoritário ou elitista; deve, sim, considerar as diversas realidades regionais, sociais e culturais, envolvendo a participação democrática (não “democratista”) de toda a Igreja na definição e nas decisões, voltado para as reais necessidades do povo brasileiro, especialmente dos setores pobres e marginalizados. Tal projeto deve partir de uma doutrina e prática do Espírito Santo que supere os nossos atuais conflitos pneumatológicos – precisamos ter uma pneumatologia profética (crítica e transformadora da realidade brasileira), carismática (vívda na sua diversidade dos dons, dos ministérios e dos serviços concedidos pelo Espírito Santo livremente a todos os crentes), comunitária (o povo de Deus sobrepondo-se à máquina burocrática e às lideranças personalistas) e missionária (voltada para fora da instituição metodista em direção ao mundo do povo brasileiro). Se não desenvolvermos tal projeto, acho que continuaremos a ser uma colcha de retalhos, em que cada cabeça é uma sentença, e aí nossa crise de plausibilidade se transformará num coletivo suicídio eclesial”.

Conclusão

Estes cinco itens são abrangentes e globalizantes. Eles podem ser desdobrados em vários elementos motivadores ministeriais a partir do Planejamento Nacional da Igreja Metodista que é, na realidade, o documento metodista

balizador para a caminhada missionária da Igreja em seus diversos segmentos. Recordam-se, aqui, os elementos básicos da Igreja Metodista como fundamentos bíblicos e teológicos da caminhada missionária eclesial.

Estudo Bíblico 4

BÍBLIA E CRIAÇÃO

Introdução: “Os céus proclamam a glória de Deus e o firmamento anuncia as obras de suas mãos” (Sl 19.1)

Nossa Igreja tem aprendido com o princípio wesleyano da criação, ou seja, a criação aponta, por uma ordem natural, a um Criador. Deus é, antes de tudo, o Criador, o Senhor soberano do universo. Assim, a criação é uma das formas pelas quais Deus se revela aos seres humanos.

A Bíblia confirma com muita clareza esse princípio wesleyano. Do Gênesis ao Apocalipse, o tema da criação é retomado como forma de afirmar o poder e a soberania de Deus. Neste estudo, queremos apontar de modo breve alguns textos que reforçam o princípio wesleyano da ordem natural da criação.

“No princípio criou Deus os céus e a terra. A terra, porém, era sem forma e vazia...” (Gn 1.1-2)

A Bíblia começa com a afirmação de fé: Deus criou os céus e a terra. Essa convicção é norteadora de toda uma teologia, cujo núcleo é dos mais antigos das tradições do povo de Israel e traz consigo uma outra convicção: o mundo sem Deus é um mundo no caos, no vazio, sem ordem. Daí vem outra dedução: é Deus quem dá sentido à vida. A vida sem Deus e seus planos é uma vida no caos.

Assim, a queda e o pecado são uma ruptura com a ordem natural da vida plena que Deus tinha para nós. O pecado é a

crystalização do caos na vida, é a ruptura com o propósito do Criador. Hoje, contemplamos o caos instaurado nas ruas de nossas cidades. Nossa missão é restabelecer a vida. Com isso, cooperamos com Deus em uma nova criação.

Afirmar que Deus é Criador e Senhor de toda a terra é também conspirar contra os que aspiram ser donos da criação. A noção de propriedade é relativizada, pois não segue o propósito natural da criação. Afinal, "ao Senhor pertence a terra e tudo que nela se contém" (Sl 24.1). Na criação, o que está em primeiro lugar é o equilíbrio e o bem-estar de todo o ser criado. Não pode haver dominadores e dominados; só Deus domina sobre tudo e todos.

Com isso, cooperar com os marginalizados é restabelecer o direito dos oprimidos e também cooperar com a criação, pois é trabalhar pelo restabelecimento da ordem de justiça e criação. Aliás, todo o Evangelho é um reencontro com o princípio da criação: há uma nova ordem crescendo no meio do caos, a ordem da nova criação, fruto do novo nascimento e do crescimento do Reino de Deus em nosso meio.

"No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus" (Jo 1.1)

O Novo Testamento é um testemunho do propósito de Deus em Jesus Cristo, de iniciar uma nova criação. O apóstolo Paulo percebeu isso claramente, quando disse que Jesus era o primogênito da nova criação. Fato também entendido pela comunidade de João, pois este é o conceito claro no Evangelho, principalmente no seu prólogo.

Exemplo disto é o diálogo entre Jesus e Nicodemos. Há um visível confronto entre a nova ordem e a velha, que Nicodemos representa. A velha criação agoniza junto ao temor de Nicodemos de reconhecer publicamente o novo de Deus. Há em algumas pessoas, como em Nicodemos, um vislumbrar do que Deus está fazendo, e de que vai fazer algo novo. A afirmação de Nicodemos:

"Ninguém pode fazer os sinais que tu fazes se Deus não estiver com ele" (Jo 3.2) expressa essa expectativa.

Por outro lado, Jesus recusa o caminho dos sinais e vai direto ao problema de Nicodemos ou o problema da velha criação, desfigurada pelo pecado: "Em verdade, em verdade te digo que se alguém não nascer de novo, não pode ver o Reino de Deus" (Jo 3.3). Jesus demarca o princípio de que há uma nova criação crescendo rumo ao Reino pleno. É interessante dizer que a incompreensão de Nicodemos é simbólica e ilustrativa da distância entre a velha e a nova criação.

A resposta é que só da água e do Espírito pode haver um novo nascimento, uma nova criação. Os elementos são os mesmos do Gênesis. Lá, o Espírito pairava sobre as águas. Jesus sempre foi muito direto: "Você tem um problema: está servindo à velha ordem, desfigurada pelo pecado. Venha para a nova criação." Foi isso o que Ele disse a Nicodemos. João Wesley tinha essa emergência de convite às pessoas. As multidões que o ouviam eram instadas à conversão, como foi Nicodemos por Jesus.

Conclusão: Deus evidente na criação

Paulo chamou a atenção dos gentios, em Romanos 1.19-23, para a revelação de Deus na criação. Ele afirma: "Porquanto o que de Deus se pode conhecer é manifesto entre eles, porque Deus lhes manifestou. Porque os atributos invisíveis de Deus, assim o seu eterno poder como também sua própria divindade, claramente se reconhecem, desde o princípio do mundo, sendo percebidos por meio das coisas que foram criadas. Tais homens são por isso indesculpáveis" (Rm 1.19-20).

Assim, Paulo diz que ninguém é totalmente inocente diante de Deus; pode-se conhecer a Deus plenamente por meio das coisas criadas. A criação anuncia a existência de Deus. Paulo concorda, assim, com os Salmos. O Salmo 8 diz: "Quan-

do contemplo os teus céus, obra dos teus dedos, e a lua e as estrelas que estabeleceste...” (Sl 8.3); ou, ainda, o Salmo 19.1: “Os céus proclamam a glória de Deus e o firmamento anuncia as obras de suas mãos”. Os pagãos em geral não podem alegar desconhecimento de Deus e, por isso, diz Paulo: “são indesculpáveis” (Rm 1.20).

Finalmente, a criação evidencia uma ordem natural, fruto da ação do Criador. Deus não é Deus do caos. Ele se revela para nos atrair a Ele e à nova ordem, à nova criação.

AS MARCAS METODISTAS E A AÇÃO PASTORAL

Introdução

“O mundo é minha paróquia.” Esta frase foi dita por João Wesley quando pregava sobre o túmulo de seu pai, após receber a notícia de que não poderia pregar na igreja que seu pai havia pastoreado por trinta e nove anos. A frase, célebre, não pode ser entendida fora do contexto maior que envolvia a vida de João Wesley; tem que ser vista como uma definição de sua vocação ministerial. A história do movimento metodista afirma que Wesley era ministro da Igreja Anglicana; mesmo sem paróquia ou cargo definido, ele serviu como pastor a diversos grupos que respondiam à sua proclamação evangélica e ao chamado ao arrependimento pela fé.

Certa vez, o acusaram de romper com as estruturas de sua Igreja oficial, por reunir pessoas sob o seu cuidado pastoral para cantar Salmos, orar e estudar as Escrituras. Wesley defendeu-se: “Vejo todo o mundo como minha paróquia. Isto é, em qualquer lugar ou situação em que me encontro, considero ser de minha responsabilidade e desafio declarar a todos que estão dispostos a escutar as boas novas de salvação. Esta é a obra para a qual Deus me tem chamado e estou seguro que sua benção me acompanhará” (COSTAS, O. E. *Protestantismo na América Latina*. San Jose, Costa Rica, 1974).

Wesley define sua responsabilidade pastoral extrapolando os limites da comunidade dos fiéis. Ele insiste em afirmar que

sua responsabilidade e o lugar de sua tarefa ministerial é o mundo e não o espaço delimitado da comunidade de fé. Esse enfoque “para o mundo” da vocação ministerial de João Wesley põe em destaque uma das características fundamentais da teologia bíblica da própria missão de Deus. Para Wesley, é em direção ao mundo que Deus orienta sua missão redentora.

Nossa reflexão tem como objetivo apontar ao ministério metodista a tarefa pastoral que surge a partir do nosso carisma e do reconhecimento da comunidade de fé. Hoje, essa tarefa deve ser direcionada em favor do mundo, quebrando as barreiras existentes, a partir do nosso envolvimento pastoral, sem perder o vínculo com os elementos que nos fazem conhecidos em nossa identidade ministerial na Igreja de Dons e Ministérios. Iremos percorrer os seguintes passos: o lugar da nossa ação pastoral; as marcas da nossa ação pastoral; pautas para a ação pastoral; conclusão e perguntas.

O lugar da nossa ação pastoral

A Bíblia, de Gênesis a Apocalipse, mostra como Deus atua em momentos significativos na vida humana, na sociedade e na própria natureza. As primeiras páginas da Bíblia afirmam que Deus é o criador do céu e da terra (Gn 1.1) e as últimas terminam: “Eu sou o Alfa e o Ômega, o princípio e o fim, o primeiro e o último” (Ap 22.13). O Deus da Bíblia, o nosso Deus, é o autor principal no desenrolar da história e é sobre Ele que o salmista afirma: “O firmamento anuncia a obra das suas mãos” (Sl 19.1).

O Deus da Bíblia não só age no mundo como também vocaciona o ser humano, instituições, culturas e povos, enviando-os a cumprir tarefas específicas em seu nome. O nosso Deus é um Deus missionário! Pastoralmente, o propósito de Deus para o mundo, atuando na história, é a reconciliação – uma reconciliação ampla que envolve todas as coisas.

Portanto, por meio do Filho, Deus resolveu trazer o uni-

verso de volta para si mesmo. Ele fez a paz por meio da morte do Seu Filho na cruz e assim trouxe de volta para si mesmo todas as coisas, tanto na terra como no céu (Cl 1.20).

O lugar onde o povo metodista é chamado a desenvolver sua tarefa missionária e descrito assim: O mundo, local da missão, passou por transformações marcantes no período da década de 1980. Problemas, mudanças, desintegrações. Falamos que os tempos têm sido de crise. Reconhecemos profundas e rápidas transformações no conjunto da sociedade. É grande o avanço tecnológico e cada vez mais penetrante a atuação dos meios de comunicação. As pessoas sentem-se desequilibradas. E a estrutura social sofre abalos. A ciência prometeu solucionar problemas de produção alimentar, saúde constante, movimentação rápida entre pontos geográficos. Mas as decisões políticas voltadas para grupos econômicos poderosos e os recursos econômicos sempre limitados, contrariando a vontade de Deus, continuam a impedir a ampla distribuição dos bens que a terra e o saber humano produzem. É notória a imoralidade, a ausência de autoridade, a corrupção. Vivemos em crise. E crise significa julgamento sobre aquilo que não responde às necessidades e à oportunidade de rompimento com o arcaico e a criação do novo, que traz vida a todos (*Servos e servas*).

Teria sido tão diferente o lugar histórico onde nasceu o movimento metodista? Não. Os historiadores são convergentes em afirmar que no final do século XVII e início do XVIII a Inglaterra experimentava um período de turbulência em todos os segmentos da sociedade. O Metodismo não nasce como movimento de conformação, muito pelo contrário, é a presença de vanguarda que questiona toda a condição existente e reúne o povo para encontrar saídas, à luz da mensagem da Bíblia, marcada pelo otimismo e esperança.

Os analistas da conjuntura social nacional e internacional

afirmam que experimentamos mudanças tão bruscas que os chamados “padrões mínimos da sociedade” são questionados e entendidos como descartáveis. Além desse quadro, não tão animador, vamos conhecendo, no cenário religioso, uma diversidade de ofertas de elementos religiosos, atrofiando qualquer iniciativa de opção religiosa que possa despertar na pessoa uma consciência crítica e profética à luz de um conteúdo bíblico, teológico e pastoral. Vivemos no mundo sob o impacto do consumismo.

Neste contexto tão conturbado, marcado por tantos elementos que empobrecem o povo, a família e a sociedade, a Igreja Metodista é chamada, por sua ação pastoral, a desenvolver um ministério que responda aos anseios do povo sem descartar os valores do Reino de Deus – paz, justiça e amor – ressaltando sua herança de uma teologia de equilíbrio e uma eclesiologia participativa e missionária. Atuando assim, é possível, metodologicamente, corrigir as imagens falsas que se apresentam de Deus, isto é, desmascarar os ídolos que se passam pelo verdadeiro Deus. Conhecer, analisar, entender a realidade, ter compaixão, e até mesmo paciência, é algo fundamental para a atuação ministerial surgida a partir da Teologia Pastoral. Contudo, é necessária clareza das marcas de nossa ação pastoral.

Marcas da nossa ação pastoral

O que caracteriza a ação pastoral? Ou o que deveria caracterizar nosso ministério pastoral? “Pensar e deixar pensar”? Talvez. O pensar e deixar pensar não deve ser entendido fora do contexto. Wesley, quando usa esse pensamento, entende que para colocar em prática “o pensar e deixar pensar” é preciso ter identidade própria e caráter determinado por uma postura teológica e pastoral, sem deixar se confundir com os elementos do modismo presentes nos dias de hoje, e, especialmente, nos círculos religiosos. A ação pastoral deve ser compreendida

como ação de toda a Igreja no conjunto geral do Corpo de Cristo. Entretanto, essas ações são diferentes conforme o chamado e atuam para facilitar a junção do corpo. O movimento metodista, a partir de Wesley, entende a necessidade seqüencial das ações do ministério – o carisma presbiteral.

Ele compreendeu que, ao lado dos ministérios leigos, havia um ministério especial, o da ordem presbiteral, que carregava pesadas responsabilidades a respeito do “depósito da fé”, da unidade da Igreja, da transmissão do carisma da ordem (ordenação), e que essa ordem era a real e autêntica sucessora apostólica. Por isso mesmo, era bastante exigente com os pastores e exigia deles, mais do que de quaisquer outros, senso da ordem, da disciplina eclesiástica, do compromisso com o corpo eclesial como um todo (REILY, *Duncan A.* Revista Caminhando, n.º 6).

Para que as marcas metodistas da ação pastoral sejam visíveis em nosso meio e observadas pela comunidade em que servimos, é preciso resgatar alguns elementos. Passo a enumerá-los:

1. A consciência da vocação e santificação

Deus nos chama para realizar algo que lhe pertence. Esse chamado é parte do encontro e da experiência com Ele. É preciso, no ministério pastoral, resgatar a vocação e a consciência do carisma para a realização da missão, na força e na inspiração do Espírito de Deus.

2. A consciência da missão

A missão é de Deus. A Igreja tem uma tarefa a realizar na missão. O lugar para realizá-la é o mundo, com todas as contradições, porque é aqui que somos vocacionados a desenvolver nossa visão, comprometidos com a justiça do Reino de Deus.

3. A consciência da evangelização

Evangelização é o serviço que prestamos ao mundo em nome de Deus. Evangelizar é falar do que Deus, em Cristo, faz, na ação do Espírito, em nossas vidas. Wesley entendia que a pregação do povo metodista tinha sentido porque nela estava contido

o chamado. A evangelização implica arrependimento, chamado à conversão e compromisso com uma comunidade de fé.

4. A consciência da itinerância

Com o passar dos anos, temos perdido a visão da itinerância como ato de motivação missionária. Existe um tipo de apadrinhamento – igreja/clérigos – que impede a visão do todo, da vida e, principalmente, da missão da Igreja. O clérigo perde sua visão de serviço e confunde-se com certo congregacionalismo. A itinerância, a partir de uma visão servil do todo, pode contribuir de maneira decisiva para a ação pastoral na vida da Igreja.

5. A consciência da espiritualidade

Os elementos básicos da teologia metodista apontam e animam o sentir vocacional da Igreja, sem perder a espiritualidade e, por outro lado, não permitem o retalhamento de nossa herança e prática metodistas.

6. A consciência participativa e educacional

A ação pastoral tem que considerar a importância da presença e participação leiga na vida da igreja, requerendo, também, uma forte consciência e disponibilidade docente para o processo de formação cristã da própria liderança.

7. A consciência de crescimento

Existe hoje nas igrejas a necessidade de crescimento qualitativo, organizacional e quantitativo, visando à expansão missionária como meio de preservar e ampliar a Igreja Metodista como espaço de serviço e ação libertadora.

8. A consciência litúrgica

É necessário e oportuno estabelecer elementos norteadores para que a liturgia possibilite a participação clara e objetiva das pessoas no culto. Essa participação nos convoca a uma liturgia com um culto mais participativo, sem extremismos.

9. A consciência dos grupos

A ação pastoral requer uma visão clara e objetiva dos gru-

pos por faixa etária, gêneros e interesses comuns, abrindo espaço a que participem, a partir de sua realidade, dinamizando e criando espontaneamente, permitindo, assim, a manifestação de fé e sua experiência com Cristo.

10. A consciência extramuros

A presença da ação pastoral da Igreja acontece justamente no envolvimento decisivo com outros segmentos da sociedade com a finalidade de marcar sua vocação de “reformatar a nação” e “espalhar a santidade bíblica” por toda parte. Assim somos desafiados a ampliar o leque de ação, do relacionamento e da postura ecumênica.

11. A consciência dos meios de comunicação

Os recursos da comunicação de massa estão presentes e exigem da Igreja, por sua liderança, uma consciência de nossa participação como veículo de propagação.

12. A consciência das seitas e movimentos não cristãos

Esses segmentos representam hoje grandes desafios para a ação evangelizadora da Igreja. Há necessidade de uma ação pastoral mais participativa e comunitária. Isto porque esses movimentos apresentam um tipo de vivência sem compromisso com a fé e com a mudança social.

13. A consciência das minorias raciais e empobrecidas

A ação pastoral tem que encontrar formas de atuar junto a esses grupos, alienados dos segmentos das sociedades pela marginalização.

14. A consciência rural e urbana

É necessário e urgente que a Igreja fortaleça a pastoral rural e seus desdobramentos e se preocupe com o fenômeno urbano que caracteriza os grandes centros. É necessária uma ação pastoral ambiental e funcional, segundo os desafios das cidades, bem como a consideração pelo ambiente ecológico.

A tarefa da ação pastoral, hoje, exige esforço especial com o objetivo de contextualizar suas marcas a partir da nossa tradição

e herança metodistas. É bem verdade que com o advento da Igreja de Dons e Ministérios, o ministério pastoral sofreu uma profunda alteração “no seu modo de ser”, descaracterizando um ministério voltado para o interior da Igreja e permitiu uma renovação na ação pastoral. O que precisamos, sem abandonar o que nos caracteriza como ministros da Igreja, é definir elementos que nos ajudem na nossa proposta pastoral.

Pautas para a ação pastoral

E difícil definir pautas ou parâmetros para a ação pastoral, porque esta, como atividade de vida e missão da Igreja, é tremendamente dinâmica e acontece no dia-a-dia das expressões ministeriais. Sem limitar o tema, a partir de uma perspectiva wesleyana, permitindo sua ampliação pelos leitores, o prof. Duncan Alexander Reily nos diz o seguinte:

“Wesley percebeu que a unidade e o bem-estar do povo de Deus dependem de um ministério devidamente credenciado. A peculiaridade do conceito de Wesley sobre o ministério reside no seu reconhecimento que, ao lado do ministério ‘ordinário’ (sacerdotal) Deus havia levantado entre os metodistas um ministério ‘extraordinário’ (profético). Embora a segunda forma seja mais peculiar do Metodismo, a primeira é também essencial para uma adequada compreensão da eclesiologia wesleyana”.

Dessa convicção, João Wesley participa integralmente. Eis o cerne do que ele escreveu sobre Efésios 4.3-6 nas suas Notas Explicativas:

v.3. *Procurando guardar a unidade do Espírito*, aquela união mútua e harmoniosa que se constitui num fruto do Espírito. O *vínculo da paz* e o amor. (Nota: A parte grifada é o texto bíblico, o resto sendo comentário de Wesley).

v.4-5. *Há um corpo*: A Igreja universal, todos os crentes ao redor do mundo. *Um Espírito, um Senhor, um Deus e Pai*,

Trindade sempre bendita. Uma esperança: o céu.

v.5. *Um batismo exterior.*

v.6. *Um Deus e Pai de todos os que crêem. O qual é sobre todos, presidindo sobre todos os seus filhos e filhas, operando por todos em Cristo e habitando em todos por seu Espírito.*

O que realmente precisamos na ação pastoral é evitar os extremos dos modelos que conhecemos. Nossa posição tem que ser firme na busca constante da unidade eclesial. “Apesar das divisões na Igreja existente”, Wesley continuou a crer que, na essência, a Igreja era uma só e a orar pelo seu bem-estar e a manifestação mais plena da unidade que Cristo concedera à sua Igreja.

Na verdade, temos percebido na caminhada histórica da Igreja Metodista, especialmente no Brasil e América Latina, certa debilidade no projeto pastoral. A falta de conhecimento da nossa postura pastoral tem permitido que, com facilidade, haja assimilação de outras práticas que não contribuem para o fortalecimento da presença pastoral, tanto nas igrejas locais como nos segmentos da sociedade. O que nos parece mais grave é quando certas práticas, copiadas de certos grupos religiosos, vêm de maneira errada para o nosso meio, transformando a liderança em messianismo, estrelismo e individualismo, provocando, inclusive, divisões no Corpo de Cristo. O prof. Reily nos apóia e nos desafia afirmando:

“Wesley cria que a unidade que Cristo havia concedido à sua Igreja poderia se manifestar, primeiro, pela busca da verdade, como ela fora revelada por Deus na sua Palavra. É claro que tal busca não deve dispensar nenhum elemento que ajude na compreensão da revelação, com a sabedoria da Igreja ao longo dos tempos, da razão, da experiência religiosa e a criação. A pretensa unidade que despreza a verdade revelada de Deus é espúria. Mas, em segundo lugar, essa busca da verdade

tem necessariamente de ser conduzida em amor, pois o amor é vínculo de paz.” (REILY, D.A. Revista Caminhando, n° 6):

Em se tratando de pautas para a ação pastoral, a partir de nossa própria dimensão doutrinária eclesiológica e pastoral, nossa postura pastoral deve se estribar nos princípios da verdade inspirada na Palavra de Deus e na unidade, como instrumento de manifestação da presença do Corpo de Cristo na Igreja. Está vinculada a esses elementos a essência do amor, que nutre a relação das pessoas e instituições. Por outro lado, também, é agradável lembrar que Wesley nos ajuda com algumas regras que podem fortalecer a nossa caminhada pastoral:

1. Não praticar nenhum ato descaridoso ou inamistoso um contra o outro;
2. Não falar nada áspero ou inamistosamente um ao outro;
3. Não pensar nada menos caridoso um do outro;
4. Esforçar-se a ajudar um ao outro na sua respectiva caminhada cristã.

Esses elementos também não podem ofuscar nossa criatividade de contextualizar a nossa ação pastoral, nem tampouco podemos perder nossa identidade pastoral de uma Igreja de Dons e Ministérios que aposta na qualidade deste novo modelo bíblico e pastoral de ser Igreja. É como afirma Claudius Barros: “Qualidade se consegue com atitudes, ações e comprometimentos, não apenas com discursos”.

Conclusão

“É melhor que cada um seja responsável pela qualidade do seu próprio trabalho, do que uma pessoa ser responsável pelo trabalho de todos.” Pensando nestas palavras de P. Japones, afirmamos que as marcas da ação pastoral ou ministerial da Igreja vêm no contexto do que Wesley entendia, orientava e desenvolvia em sua prática pastoral junto aos seus primeiros ministros. É

verdade que Wesley entendia sua prática a partir da visão de sua célebre colocação: "O mundo é minha paróquia".

Passados dois séculos e meio, lemos Wesley e descobrimos novas motivações para dar continuidade à tarefa missionária da Igreja. Sem perder o passado, analisando o presente e acreditando no futuro, somos animados e desafiados a encontrar elementos teológicos e pastorais que nos ajudem a manter nossa fidelidade ao Senhor da Igreja em nossa caminhada histórica como povo metodista.

Questões para refletir

- 1) Qual era a visão pastoral de Wesley?
- 2) Quais os referenciais de uma prática pastoral metodista para hoje?
- 3) O que temos realizado que não representa a prática pastoral metodista?
- 4) O que realizamos que representa a prática pastoral metodista?

BÍBLIA

- nº 1 – Instrumento para o estudo da Bíblia
- nº 2 – Pelos Frutos os Conheceréis

CELEBRAÇÕES

- nº 1 – Natal, cantos e contos

DOCUMENTOS

- nº 1 – Plano para a Vida e a Missão da Igreja
- nº 2 – Eleições 1994
- nº 3 – Relatório do Colégio Episcopal
- nº 4 – Plano Nacional: Ênfases e Diretrizes & Mensagem da Igreja Metodista à Nação Brasileira
- nº 5 – Eleições 1998
- nº 6 – Manual de Disciplina
- nº 7 – Código de Ética Pastoral
- nº 8 – Dízimo
- nº 9 – Diretrizes Pastorais: Ação Missionária Indigenista
- nº 10 – Credo Social
- nº 11 – Diretrizes para a Ação Missionária na Questão da Terra

METODISMO

- nº 1 – As Marcas Básicas da Identidade Metodista (3ª edição)
- nº 2 – Missão, Organização e Agentes do Metodismo
- nº 3 – O Caminho do Discipulado: de Jesus a nós

MINISTÉRIOS

- nº 1 – Os Juvenis: Descobrimo um Grupo de Jovens
- nº 2 – AIDS: Desafio Pastoral e Solidariedade
- nº 3 – Estive Preso e Fostes Ver-me
(Manual Prático para o Ministério Cristão Carcerário)
- nº 4 – Afetividade e Sexualidade

PASTORAIS

- nº 1 – Carta Pastoral sobre o Batismo
- nº 2 – Carta Pastoral sobre a Ceia do Senhor
- nº 3 – Carta Pastoral sobre Sexualidade
- nº 4 – Carta Pastoral sobre Ecumenismo
- nº 5 – Carta Pastoral sobre a Aliança com Deus
- nº 6 – Carta Pastoral sobre a Maçonaria
- nº 7 – Carta Pastoral sobre Jejum – o caminho da disciplina
- nº 8 – Carta Pastoral sobre os Sacramentos
- nº 9 – Carta Pastoral sobre Dons e Ministérios
- nº 10 – Carta Pastoral Testemunhar a Vitalidade do Evangelho
- nº 11 – Pastoral da Criança
- nº 12 – Carta Pastoral Testemunhar o Ardor da Missão

DISCIPULADO

- nº 1 – Manual do Discipulado
- nº 2 – Pecado e Salvação
- nº 3 – Senhorio de Cristo
- nº 4 – Aspectos bíblicos e conceituação do discipulado
- nº 5 – Caráter Cristão